

COMISSÃO ESPECIAL DO PLANO DIRETOR

DEBATE PÚBLICO REALIZADO EM 29 DE SETEMBRO DE 2009

Presidência da Sra. Vereadora Aspásia Camargo, Presidente da Comissão.

Às dez horas e doze minutos, no Plenário Teotônio Villela, tem início o Debate Público da Comissão Especial do Plano Diretor, sob a Presidência da Sra. Vereadora Aspásia Camargo, Presidente da Comissão, “PARA DEBATER OS TEMAS TURISMO E CULTURA, CONTIDOS NO SUBSTITUTIVO Nº 3 AO PLC Nº 25/2001”

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Senhoras e senhores, bom-dia! Dou por aberto esse Debate Público do Plano Diretor Decenal de Cidade do Rio de Janeiro, que está em discussão aqui há bastante tempo, mas este ano estamos comprometidos a aprová-lo e ter, afinal, depois de sete longos anos, um Plano Diretor para a cidade. Acho que é muito importante esse compromisso com o planejamento e uma visão de cidade. Na verdade, estamos partindo de um Rio que temos para um Rio que queremos. É fundamental que os problemas que enfrentamos e as áreas que consideramos prioritárias sejam acordados, pactuados com os interessados, com os atores mais atuantes e também com toda a população.

A realização desse Debate visa atender o disposto no § 4º do artigo 40 do Estatuto da Cidade, Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que determina a realização de processo participativo na elaboração e revisão do Plano Diretor. O objeto da discussão no Debate de hoje serão os dispositivos referentes ao tema Turismo e Cultura. Vamos começar pela Cultura, contida no Substitutivo nº 3 ao Projeto de Lei Complementar nº 25 de 2001, bem como nas emendas referentes a esses dispositivos enviadas pelo Poder Executivo e na tramitação de projetos que promovam sua alteração.

Para ficar bem claro para todos, nós tínhamos um substitutivo nº 3 em análise nesta Casa, que inclusive foi votado em primeira votação, e recebemos, com o novo governo... é normal que isso tenha acontecido, nós achamos por bem que o novo governo encaminhasse suas emendas, para que nós pudéssemos ter uma versão atualizada desse substitutivo. É exatamente esse documento, a emenda oferecida pelo Poder Executivo ao substitutivo que estava na Casa, e que agora está sendo revisado, que nós vamos discutir aqui hoje com a Secretária Jandira Feghali e com o Diretor de Patrimônio Washington Fajardo, que já é velho conhecido da Casa. Ambos são velhos conhecidos, não têm se fur-

tado em nenhum momento a estar aqui presentes conosco, em todos os momentos que têm sido solicitados.

Eu queria começar dizendo o seguinte: na minha visão, e estou falando aqui como Presidente, mas também como analista dos projetos e das áreas que estão em discussão no Plano Diretor, eu gostaria de ver a Cultura, que é, na verdade, uma velha e forte vocação do Rio de Janeiro, lá no início do plano, não lá no fim, antes de gestão, quase que terminando a proposta da emenda. Isso por uma razão muito simples: porque essa é uma vocação natural da nossa cidade, na qual somos muito competitivos, para a qual temos uma contribuição imensa a dar em todos os sentidos. Temos sinais da Prefeitura de que o Prefeito e a Secretária também dividem essa visão conosco, porque tivemos agora recentemente algumas modificações importantes, de estímulo na área do audiovisual, que eu acho que já revelam essa preocupação em valorizar a cultura do Rio de Janeiro.

De qualquer forma, não vamos tapar o sol com a peneira. De fato, perdemos muito terreno, São Paulo está investindo maciçamente em Cultura. Estamos transferindo, inclusive, atividades para São Paulo. É preciso que o Rio de Janeiro tenha uma resposta ativa, vigorosa, que envolva toda a cidade. Acho que a Cultura é múltipla, não vou nem falar isso aqui, porque tenho certeza de que a Secretaria vai, melhor do que eu, externar essa opinião, mas nós temos a Cultura que é a base da cidadania e que é um instrumento importantíssimo na Educação. Nós já sabemos disso por experiência. Toda vez em que a Cultura interage com a Educação, os processos educacionais melhoram, o aprendizado é mais rápido, de melhor qualidade. Essa parceria Cultura Educação é muito poderosa. Também temos a consciência de que a Cultura se reparte desigualmente nos seus equipamentos, nos seus próprios, nesta cidade, que nós não atendemos à necessidades diárias da zona mais nobre da Cidade, chamada Zona Sul, como atendemos às da Zona Oeste, por exemplo, ou da Zona Norte, embora a Cultura brote pelos poros e seja aparentemente muito fácil produzir Cultura na Cidade do Rio de Janeiro. O fato é que faltam espaços, falta estímulo, às vezes, até as atividades mais simples. Eu me lembro que há 20 anos era assim e continua sendo, uma enorme carência de espaços culturais e de investimentos em ações e iniciativas culturais.

Também digo o seguinte, Secretária, só para provocar um pouco. Eu acho que está muito pequenininho. Esse trecho aqui, eu tenho certeza de que passou por uma série de leituras e releituras, mas parece que a Cultura se condensou muito. As propostas são todas corretas, os objetivos, as diretrizes estão postos aqui, mas nós gostaríamos de saber se, nessa fase final de discussão, não é possível talvez aprofundar mais esses pontos, trazer um engajamento mais claro sobre as formas, ação, digamos, talvez linhas de ação mesmo, ações estratégicas que precisamos desenvolver e que poderão dar um conteúdo mais ativo, mais pre-

sente do que esse que temos aqui. Eu peço a todos que consultem o texto encaminhado pela Prefeitura.

Eu queria dar a notícia de que estamos com o Vereador Chiquinho Brazão, da Comissão do Plano Diretor. Muito obrigada, Chiquinho. Estamos começando agora o Debate com a Cultura.

Dito isso, passo a palavra à Secretária Jandira Feghali, para que ela faça sua exposição e traga suas impressões sobre o que podemos fazer ainda na Cultura, e sobretudo ouvir os que estão aqui com muita vontade de se expressar, de trazer suas opiniões para avaliação do Poder Executivo e do Poder Legislativo também.

Com a palavra, a Secretária Jandira Feghali.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Bom-dia, Presidente Aspásia Camargo, não apenas da Comissão do Plano Diretor, mas da Sessão; Vereador Chiquinho Brazão; Subsecretário Washington Fajardo; todas as representações presentes de várias áreas que têm interesse no Debate do Plano Diretor da Cidade, não apenas do que se pode conceituar como Cultura, que esse é o conceito mais abrangente e em movimento que existe, como também na sua articulação com a política de Turismo.

Primeiro, Vereadora, eu gostaria de agradecer esse convite, porque acho que seu próprio relato já demonstra como é difícil as pessoas compreenderem a questão da Cultura como algo transversal ao conjunto do Debate do planejamento de uma cidade. Na verdade, construir ou desconstruir uma cidade só tem significado se nós pensamos a cidade nos seus meios e modos de vida, sua história, sua memória e para onde queremos ir. É óbvio que, se nós olhamos a cidade de forma planejada, é mais importante, apesar de isso ser um embate ideológico e político, do que pensá-la em projetos pontuais. Quer dizer, planejar a cidade e pensar a cidade de forma inteira, como um corpo, com cabeça, tronco e membros, é muito mais importante para que, inclusive, não haja antagonismo entre os projetos, mas inserção dos projetos em uma visão de cidade. É óbvio que, se nós olharmos para o mapa da cidade, vamos ver desigualdades profundas, não apenas em renda per capita e desigualdades sociais no acesso aos bens e serviços públicos, até porque quando olhamos onde não tem um hospital funcionando direito, onde falta o posto de saúde, também não tem cinema, também não tem teatro e uma série de equipamentos de acesso à Cultura, ou seja, o descompromisso com determinada comunidade ou população atinge o conjunto dos bens públicos e do acesso aos bens públicos, que é onde a taxa de mortalidade é mais alta, onde o acesso ao código letrado é menor e ao acesso ao universo dos bens culturais também é menor. Então, há uma relação real, econômica, social, cultural, quando olhamos a desigualdade, quando olhamos a própria divisão social e política da cidade. Quando nós olhamos para a cidade, há áreas com boa infraestrutura que têm vazios urbanos ab-

surdos e áreas com pouco infraestrutura onde a população cresce. Vamos ver que há absoluta inversão do que é planejado na cidade, ou seja, nós temos uma cidade não planejada. E se formos analisar os aspectos políticos, vamos entrar aqui por uma seara que talvez não possamos aprofundar nesse momento, mas é um debate muito interessante, quer dizer, onde nas mudanças políticas, de políticas de Estado ou de governo, onde determinado grupo A, B ou C assumiu, onde a fusão impactou, onde a desfusão impactou, tudo isso certamente vai embasar um raciocínio do “desplanejamento” da Cidade do Rio de Janeiro.

Eu fico muito feliz de ver esse Debate do Plano Diretor voltar com força, porque nós ficamos dormitando com uma revisão que deveria ter isso feita em 2002, dormitou até aqui a discussão do novo Plano Diretor da Cidade. Para que possamos agregar uma discussão da Cultura, virá para esta Câmara um Plano Municipal de Cultura, também por 10 anos. Nós vamos fazer isso a partir do processo da conferência que estamos elaborando agora. Vamos abrir para conferência no dia 3 de outubro e a plenária final da conferência no fim de outubro. A partir daí, vamos encaminhar para esta Câmara um Plano Municipal de Cultura também por 10 anos, a exemplo do Plano Diretor, para que as políticas de Cultura não fiquem à mercê de uma gestão de governo, e sim que a população tenha como cobrar e desenvolver esse raciocínio também por 10 anos, com revisões que podem ser feitas num período que podemos discutir, a cada dois anos, a cada cinco anos, mas aí tem que valer como 10, e tem que ser a lei. Como a Vereadora Aspásia Camargo colocou, a questão da Cultura é vista como show e entretenimento, o que é uma visão muito restritiva do que é uma política cultural. Ela não é compreendida na sua totalidade. Aí, se nós pensamos urbanistas progressistas, os urbanistas mais avançados entenderam que a cidade é Cultura e que o modo de viver e pensar, o modo de comer, a gastronomia, a dinâmica da convivência humana é Cultura, mas esse conceito nem sempre é bem visível para as pessoas.

O Plano Diretor vai discutir a mobilidade urbana, os vazios urbanos, o uso e a ocupação do solo, os instrumentos de gestão, o patrimônio material e imaterial da cidade. Ao pensar no Plano Diretor, vamos pensar nos símbolos da religiosidade, na musicalidade, no vestuário, no comportamento. Isso tudo é patrimônio material. Isso é cultura. Como também o patrimônio material da cidade... Nós vamos realçar alguns conceitos aqui.

Dentro do Plano Diretor, me parece que não há um debate mais específico sobre o porto, que está sendo trabalhado um pouco como um projeto separado do processo. Mas nós queremos dizer que o Porto, a Lapa – nós estamos coordenando o Projeto Lapa Legal – e o Projeto Monumenta, da Praça Tiradentes, também são focos de preocupações da cultura e do governo, como projetos prioritários.

Um primeiro aspecto que eu queria realçar é um conceito que já existe no Plano Diretor, mas eu quero realçar mais, que é a questão das áreas de preservação da ambiência cultural, as Apacs. Na nossa opinião, na opinião que veio no Substitutivo da Prefeitura, elas têm que ser mantidas, na medida em que ainda têm uma concentração na Região Centro-Sul da cidade e têm uma área em Santa Cruz e uma área em Paquetá. É obvio que essa discussão de novas áreas de preservação ambiental terá que ser ampliada na Câmara de Vereadores e dentro do governo. É importante compreender que Apac, Área de Preservação da Ambiência Cultural, é um conceito que vai além do patrimônio edificado. Não é o prédio, tanto que as Apacs não necessariamente só têm prédios tombados. Ao contrário, tem prédios tombados, mas tem muitas áreas de preservação, que não pedem, inclusive, até para acabar com essa polêmica, que se mude a constituição, que se mexa no seu projeto arquitetônico, porque elas preservam uma ambiência cultural. Existe a Área de Preservação Ambiental, que é a APA, e a Apac, que é Área de Preservação da Ambiência Cultural. Ali está envolvido tudo, os modos de vida e aquilo que nós queremos preservar como uma estrutura da cidade, que você vai preservar uma história e uma memória, que não necessariamente é um prédio tombado, é mais amplo que isso. Isso já estava no Plano, nós preservamos como uma coisa importante, que precisa ser muito valorizada.

O segundo – e aí é um conceito novo, que é importante realçar para a Câmara de Vereadores, vocês devem ter uma atenção importante a isso – é a chamada paisagem cultural. O que é isso? É a interação entre a paisagem natural e a intervenção humana. Aliás, o Rio de Janeiro concorre na Unesco a Patrimônio da Humanidade nessa categoria de paisagem cultural. Já tem o dossiê pronto, já está indo para a Unesco, para que nós concorramos – e espero que ganhemos – ao título de Patrimônio da Humanidade de paisagem cultural. É como se eu dissesse assim: o Corcovado não é o Corcovado sem o Cristo. Tem a montanha, mas houve uma intervenção artística do homem, que colocou lá o Cristo Redentor. Então, a paisagem cultural é essa soma do patrimônio natural com a intervenção do homem. Essa é uma categoria que entra pela primeira vez no Plano Diretor, não tinha, nós estamos colocando como uma inovação importantíssima para a Cidade do Rio de Janeiro.

Uma terceira inovação no Plano Diretor é o sítio cultural. Essa nomeação não estava, e nós colocamos, foi uma conquista nossa. Porque o sítio cultural, às vezes, é uma expressão localizada num espaço, território, monumento ou espaço construído para o qual nós queremos chamar a atenção, na medida em que haverá uma intervenção urbana do T-5. Isso é importante.

O T-5, pelo seu traçado – que não é pequeno – é uma via rodoviária, é uma via que vai ter transporte sobre rodas e vai ter impacto em várias áreas da cidade. Vai passar por cima de uma série de ícones, inclusive de bens tombados. Eu não estou muito preocupada com prédios, eu estou preocupada com o símbolo e com a função. Então, se a Câmara quiser, nós podemos depois discutir especificamente esse aspecto, a questão do traçado do T-5 e seu impacto do ponto de vista cultural. É importante ver que, na obra do T-5, nós não temos uma visão centralista. Então, onde tem bem tombado não pode fazer uma obra de desenvolvimento de estrutura? Pode, não é uma visão centralista. Se há um projeto maior da cidade, de infraestrutura, de desenvolvimento econômico e habitacional, ou de necessidade, de interesse social maior, nós não vamos dizer: “Não, não pode fazer a obra”. Mas tem que respeitar a área de preservação ou de tombamento ou, no mínimo, a depender do que seja, sob avaliação do patrimônio, nós termos uma substituição de igual valor ou de igual simbolismo para aquela comunidade. Esse registro de sítio nos possibilita uma gestão sobre esse patrimônio que certamente sofrerá o impacto pelas obras e pelo desenvolvimento da cidade. Então, essa é uma questão inovadora, que está no Plano Diretor e nós queremos realçar.

Outro aspecto que eu quero realçar – e a Cidade do Rio de Janeiro é exemplo disso também – é que a intervenção urbana não pode estar deslocada da memória e da História da Cidade. Tem a ver com o sítio cultural, que eu disse agora, mas tem a ver com mais do que isso. Basta ver o que foi a intervenção de Pereira Passos no Rio de Janeiro, no início do século XX. Boa parte da origem e da memória da cidade caiu, foi simplesmente demolida, destruída. Muitas vezes, você vê trabalhadores fazendo a obra sem ter ideia de que estão destruindo sua própria história. Então, a intervenção tem que estar relacionada com a memória e a História da Cidade em que nós estamos intervindo. Vide a Presidente Vargas, vide como isso impactou a migração de populações na Cidade do Rio de Janeiro. A intervenção econômica da lavoura, por um lado, em regiões da cidade, as intervenções urbanas no Centro da cidade, que deslocaram a concentração de população negra, as migrações da cidade, tudo isso impactou o Rio de Janeiro e, em alguns aspectos, destruiu sua memória. Então, nós não podemos mais, no século XXI, ter intervenções urbanas que desconsiderem a memória e a História da Cidade, e a sua simbologia, material inclusive. Essa é uma quarta questão.

E o quinto conceito que eu quero levantar, é o problema de gestão e fomento das áreas de patrimônio. São criados, neste Plano Diretor, vários instrumentos de gestão na área de patrimônio e da cultura. São vários instrumentos criados e, além disso, existe a criação do Fundo Municipal de Proteção e Conservação, que também não existia, é criado no Plano Diretor e obviamente vai demandar uma lei que nós já estamos produzindo; ela está

quase pronta e virá à Câmara para dizer quais são as fontes desse fundo, a que ele se destina, etc. Inclusive, no próprio texto do Plano Diretor, está tudo escrito na apresentação, mas eu não estou conseguindo mostrar, por isso estou falando. Ah, então podia colocar aí? Porque tem vários artigos em que nós entramos nessa questão de patrimônio, e um deles mostra que nas áreas de potencial construtivo da cidade; existe uma área de potencial criativo; então, em geral, vai ter um percentual desse valor que vai se dividir entre desenvolvimento urbano e habitação. O que é que nós estamos propondo? Que, nas áreas de sítio cultural ou de preservação, essa outorga onerosa, que é esse potencial construtivo, seja dividido com o Fundo de Patrimônio. Porque aí eu diria o seguinte, Vereadora: a questão cultural tem uma concentração em determinado ponto do Plano Diretor, mas ela perpassa vários artigos, e um dos artigos inclusive é o que diz que a outorga onerosa, em áreas de potencial criativo dentro de Apac ou de áreas de preservação de outro tipo, seja dividida entre desenvolvimento urbano e o Fundo Municipal de Conservação do Patrimônio. Senão, nós não teremos dinheiro para aplicar em restauro e valorização de bens culturais. Então, nós necessitamos ter fonte para poder atuar nas áreas de patrimônio e cultura. Então é criado o Fundo. No próprio Plano Diretor, a gente já coloca essa questão da outorga onerosa na área de Apac e em áreas de sítio cultural, na área de preservação, e a lei depois virá disciplinando e regulamentando o exercício deste Fundo.

O que é que eu quero dizer com isso? Que nós temos aqui cinco questões que nós consideramos merecedoras de atenção aqui da Câmara. Na verdade, são seis.

A primeira é que cultura é integrada ao Plano Diretor inteiro, porque, na nossa opinião, cultura é o direito à cidade, é o direito ao espaço público, a reapropriação do espaço público, o direito à convivência. É uma visão de cidade que nós temos. Segundo lugar, preservação da ambiência cultural para além do patrimônio edificado, paisagem cultural, que é uma inovação, que é a integração da natureza com a intervenção humana. Sítio cultural, que também um conceito novo que está no Plano Diretor. Intervenção urbana, que não pode se descolar da memória, da História da Cidade. E, quinto, os instrumentos de gestão e de fomento ao patrimônio e gestão.

Então, na verdade, a gente fez uma apresentação mostrando o histórico do que era o raciocínio do patrimônio. Todas as mudanças econômicas, sociais e políticas, esses conceitos vão modificando. Então, se num primeiro momento patrimônio era o sítio arqueológico apenas, ou as descobertas arqueológicas, ou os monumentos, ou prédios edificados, ou arquitetura colonial, ou arquitetura neoclássica, ou a *art déco*, etc. e tal. Se isso era visão de patrimônio – e no Rio de Janeiro, isso, na década de 30, teve muita força com Getúlio –, principalmente essa preservação de patrimônio colonial, patrimônio arquitetônico construído, depois

nós fomos vendo que esse conceito vai mudando e, nesse momento, a gente quer, de fato, colocar esses conceitos que eu aqui disse num conceito novo do que é patrimônio cultural, patrimônio material e patrimônio imaterial. Mário de Andrade foi um importante formulador nesse campo e Aloísio Magalhães recupera para nós esse conceito que Mário de Andrade marcou. Ter esse conceito de que cultura é muito mais amplo do que os patrimônios até então discutidos. Aí, de fato, a gente não vai conseguir.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Só um minuto, Secretária. Eu queria fazer o registro da presença do Vereador Dr. Jairinho, já tivemos também o Vereador Paulo Pinheiro, não sei se ainda está aqui, e agradecer a presença dos Vereadores. Vamos agora ver se podemos fazer isso num espaço curto.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Eu vou fechar agora.

Então, a última questão que eu queria levantar é que, dentro dessa visão de patrimônio, nós temos trabalhado uma coisa que, primeiro, é o conceito lá de trás, que veio de Aloísio Magalhães, falando que cultura é continuidade. Então, nós não podemos interromper processos de avanço de análise de história, análise de memória de intervenção urbana. Isso tem que ter... é um processo que dá uma linha condutora a esse processo, e nós temos trabalhado muito, até porque a nossa Subsecretaria, o que nós trouxemos de volta para a Cultura, a questão do patrimônio, ela tem o nome de patrimônio, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design. Por quê? Porque o *design*, a agenda pública do *design*, inclusive, nós precisamos recuperar no Rio de Janeiro. O alto *design*, o *design* gráfico, o *design* de produtos, tudo isso é fundamental na cadeia da economia criativa, e nós queremos estimular que essas coisas aconteçam, até porque o Rio de Janeiro é o maior potencial criativo do Brasil.

No entanto, nós queremos também criar uma agenda pública do *design*, dos equipamentos públicos na cidade. Quer dizer, como é que a gente eleva a autoestima, como é que a gente forma gente, e os novos urbanistas, para pensar a cidade no campo do *design* também? Como é que tem que ser a escola? Como é que tem que ser a biblioteca? Como é que tem que ser o teatro? Como é que tem que ser o ponto de ônibus, para ser humanizado e combinado com o contexto daquela região e daquela comunidade? Então, essa coisa do *design* público é um aspecto importante, ao pensar no planejamento da cidade e que nos importa interferir, desenvolver e construir. Por isso, inclusive, ali na Praça Tiradentes, na Casa Bidu Saião. Será criado o Centro Carioca de Design, exatamente para que a gente pense. E no Porto já se discute a incubadora de novas empresas de *design*, onde a gente

quer botar uma agenda pública do *design*, com força, porque nós precisamos fazer isso.

Particularmente, eu quero destacar aqui a nossa preocupação com a Zona Norte, que é uma preocupação do Plano Diretor, que é considerada uma área incentivada, uma área estruturada, com uma densidade demográfica enorme e de um abandono enorme também. Ali você tem via férrea, estrutura de saneamento, você tem uma série de coisas, mas é uma população abandonada do ponto de vista político e social. Então, essa é uma área onde a Cultura pode ter uma grande interação, não apenas na questão de patrimônio, mas em todos os outros aspectos da manifestação cultural e da agenda pública do *design*. Tanto que a primeira Lona que nós anunciamos foi a Pavuna, naquela região com baixíssimo IDH.

E a outra região é a Zona Oeste, onde além das várias atividades culturais no campo da arte e no campo da integração com a escola... A Vereadora Aspásia Camargo falou nisso, nosso segundo turno cultural são 450 cursos nas 150 Escolas do Amanhã, inicialmente, e muitas delas são na Zona Oeste e na Zona Norte, mas nós queremos ter uma ação muito mais abrangente na Zona Oeste e, se puder, nós ainda queremos recuperar aquilo que se chama o Caminho Real, que é uma grande referência do nosso patrimônio material e imaterial. Um símbolo da degradação atual do Rio de Janeiro, é exatamente toda essa via de Santa Cruz a São Cristóvão, que é uma área de imensa importância histórica que foi completamente degradada, e essa é uma preocupação nossa.

Aqui, se precisar, está a lista de todas as Apacs, de todo o entorno, são 34 mil bens tombados e preservados, a gente tem toda essa lista aqui. Deixa só eu mostrar um artigo aqui, para fechar. Aqui no artigo tem um conceito que está em negrito inclusive, que a gente botou, que é o seguinte. É lá no Capítulo I, Artigo 2º, Parágrafo III: “Entende-se por paisagem interação entre ambiente natural e a cultura expressa na configuração espacial resultante da relação entre elementos naturais, sociais e culturais e nas marcas das ações, manifestações em forma de expressões humanas”. Esse é um conceito de fato novo que entrou no Plano Diretor.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Eu queria só avisar que aqueles que quiserem se inscrever para usar a palavra já poderão fazê-lo com o Jeferson. Por favor, inscrevam-se.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Duas outras inovações que eu já registrar, mas está aqui nos incisos do Artigo 23. Além de Apac, área de preservação permanente, ambiente cultural, aí entra: declaração de reserva arqueológica, como instrumento de gestão, declaração de registro de sítio cultural da paisagem cultural e registro da declaração de bens de natureza

imaterial. São três novos registros que nós colocamos entre os instrumentos de gestão e entram hoje no Plano Diretor, dentro desse conceito novo que a gente está construindo. Inovação de fomento e recurso, entrou aqui o Fundo de Conservação do Patrimônio Cultural, que também não tinha e a gente cria no Plano Diretor.

E tem uma última coisa aqui que eu queria falar, definição de sítio cultural, que está no Plano: “O espaço da cidade de domínio público ou privado que, por suas características socioespaciais e por sua história constitua-se em relevante referência a respeito do modo de vida carioca ou trate-se de local de significativas manifestações culturais ou possua bens materiais que contribuam para perpetuar sua memória”. Esse é o conceito de sítio cultural que a gente agrega aí.

E por fim só dizer que, nessa relação de paisagem cultural, a gente tenta destacar a relação entre meio ambiente e cultura, mas não apenas numa relação de expressão de uma paisagem, mas a relação que a cultura precisa ter na sociedade, de preservação do meio ambiente, ou seja, da qualidade de vida, dos bens ambientais e em tudo aquilo que nós, como cultura, temos que estimular e gerar consciência na sociedade da sua relação com a natureza. A questão ambiental não é uma questão que está fora da política cultural, ela está dentro. Está dentro e nós queremos aqui registrar essa nossa preocupação.

Então, Vereadora, nós deixamos aqui esse conceito, essa preocupação que tem no artigo e no Debate. O que precisar ampliar, a gente amplia.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Muito obrigada. Nós estamos aqui hoje fazendo um Debate sobre Turismo e Cultura. A junção dessas duas áreas não foi casual, foi uma decisão da nossa Comissão juntar coisas que, na verdade, deviam ser vistas inclusive de maneira articulada e integrada. A cidade tem um charme e uma atratividade que veio justamente, em boa parte, das suas manifestações culturais, das mais simples às mais sofisticadas, e isso é parte da nossa identidade. Então, nós queríamos aproveitar também a presença aqui de representante da Área de Turismo, para que esse diálogo pudesse se aumentar. A Secretária falou na questão da transversalidade e eis uma boa ligação transversal aí, do Turismo com a Cultura, porque nós precisamos justamente dessa valorização. Aliás, a Zona Norte, que foi lembrada aqui, é um viveiro da cultura popular desta Cidade e não tem praticamente nenhuma estrutura que dê abrigo e acomode essas manifestações que são quase por geração espontânea.

Eu queria aqui registrar a presença de várias pessoas: Ângela Moura, do Projeto Segurança de Ipanema; Josias Neto e Denis Aragão, do Ipur, membro do Grande Oriente do Brasil; Fernando

Malheiros e René Gonçalves, SindRio; Paulo Botafogo e Leonardo Feijó, Conselho de Segurança Pública; Bruno de Pinho, da Secretaria Municipal de Fazenda; Jorge Marcos, Vice-Presidente do Instituto Verde Criando Vidas; Mauro Osório, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas – muito obrigada por sua presença honrosa e importante porque nós precisamos transformar a Cultura em economia também. Essa é uma questão: não basta a ligação com o Turismo, é preciso que haja uma visão econômica da Cultura, já que as indústrias criativas são hoje indústrias de grande prosperidade no mundo inteiro. Walfrido Amaral, Conselho de Educação Física; Alan Kardec, da Fecomércio; Lilian de Oliveira, da FGV Management. E temos aqui também uma representante da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Uni-Rio, Professora Claudia Gurgel. Muito obrigada pela presença de vocês. Dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola Superior de Propaganda e Marketing, que são únicos no País, estão aqui hoje a diretora e o vice-diretor, Flávia Flaminio e Tatsuo Neto, muito obrigada. Temos aqui também, na área do Turismo, Gérard Bourgeaiseau, que é do Windson Hotéis, estava apresentando aqui o setor; Mc Leonardo, representando o DJ Malboro, muito obrigada. Fernando Vila Pouca, da Delegacia de Apoio ao Turismo.

Muito bem, estamos agora abrindo esse Debate Público para quem quiser usar da palavra. Por favor, Heitor, se identifique para que a gente possa ter o registro.

Eu vou pedir só que todos se controlem um pouco no uso do tempo. Não que eu queira restringir, mas nós estamos inclusive aqui abertos para outras reuniões e debates, mas nós queremos ser restritos, porque precisamos também dedicar uma parte do nosso tempo para o Turismo a partir de 11h30.

O SR. HEITOR FERREIRA DE SOUZA – Eu sou Heitor Ferreira de Souza, arquiteto, urbanista e outras coisas mais. Dirijome especialmente à Secretária. Sou aposentado da SMU, da Prefeitura, fui diretor da Diplan Rio, portanto, sou um pouco da casa, de forma que, com isso, me sinto um pouco à vontade.

Eu tenho falado em todas as Audiências Públicas, Secretária, em cima de uma colocação que eu considero fundamental. De qualquer forma, eu queria parabenizar a Secretária, que é médica, pela versatilidade na Cultura, porque imagino que, na sua trajetória política, deve ter aprendido muito. Eu também, na minha trajetória do Planejamento, aprendi muita coisa; inclusive, de Cultura, também um pouco. Inclusive tive a oportunidade de participar do Barcelona 2006, um grande evento onde a Cultura era o grande centro de discussão e seria o grande instrumento dos municípios para se antepor a essa intervenção mundial desastrosa que estaria ocorrendo com o sistema financeiro, contra essa visão globalizada e em prejuízo do cidadão. Em Barcelona, o eixo da discussão foi esse, que a Cultura era o grande instru-

mento que os municípios tinham na mão para se antepor a essa globalização desenfreada.

Agora voltando à questão que eu mencionei, é o seguinte: o Plano diretor. Por mera coincidência, eu tinha um escritório grande em São Paulo, fiz mais de 100 Planos Diretores para esse país afora. Plano Diretor é a minha experiência profissional, embora formado na Cidade de São Paulo e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, portanto, é a minha formação. Essa é a experiência que já acumulei. Por conseguinte, o Plano Diretor não é um instrumento para fixar políticas setoriais. Isso está no conceito básico. Eu trouxe aqui a Lei Orgânica do Município, que diz claramente que deve ser formulada uma política de desenvolvimento municipal. E nesse contexto é que os aspectos econômicos, sociais, culturais, Saúde, Educação, etc., podem ser desenvolvidos a nível de política. O Plano Diretor é um instrumento, vamos chamar assim, para implementação da localização física e espacial dessas atividades dos grandes municípios, econômicos, sociais e etc.

No caso da Saúde, por exemplo – e eu vim aqui na Audiência – a saúde, dois artigos e 17 itens. A Cultura, também dois artigos e incisos. O inciso não provoca nenhuma discussão. Ele morreu ali. Também sou especialista em legislação. De tal forma que, uma política de Cultura com dois artigos e um monte de incisos, é muito pouco. Tudo que a Secretária falou, achei fantástico, ótimo, mas, do ponto de vista urbanístico, de locação, de localização, de prevenção do espaço, etc., falta muito no Plano Diretor. Não tem quase nada em relação a esses aspectos.

E para nós discutirmos políticas num ambiente desse, eventual, numa Audiência, não dá para se esgotar evidentemente. A Secretária falou que está fazendo Plano de Desenvolvimento da Cultura do Município. Esse, sim, é o documento principal, é o instrumento que vai definir o que queremos no Município, do ponto de vista de Cultura, e como é que essa demanda toda vai se projetar no espaço físico, territorial do Município.

Então, essa é uma tese que eu venho insistindo aqui toda vez e até vou lhe passar um documento em que fiz algumas observações sobre isso. E gostaria, evidentemente, de ter um espaço amanhã, a nível do Prefeito mesmo, para a gente tentar discutir esse assunto, porque eu só falo, todas as vezes. A Vereadora Aspásia Camargo tem sido muito gentil comigo, evidentemente, de tal forma que estou um pouco na linha assim: água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – É muito oportuna a sua sugestão de ter um mapa desses sítios que a Secretária mencionou, mas também dos espaços culturais que devem se distribuir pela Cidade. Exatamente porque nós temos es-

sa desigualdade tão profunda, é que nós temos que localizá-lo, Secretária.

Nós estamos aqui sugerindo um mapa em que nós pudéssemos localizar não apenas esses sítios e essas, enfim, paisagens que já estão identificadas, mas também os espaços que deveriam existir – ainda não existem – para poder localizar a Cidade. Essa redução da desigualdade espacial que Heitor mencionou como objetivo prioritário do Plano poderia ser enriquecida com esse mapa. Ainda temos tempo de fazê-lo.

Passo agora a palavra a Hélio Portocarrero, que foi Presidente do MAM, e agora é do Conselho do MAM, e que representa aqui as artes plásticas e outras coisas mais. Ele representa também uma aspiração desta Cidade de elevar o nível da Cultura também ao dos grandes investimentos, porque precisamos disso. Precisamos de recursos, não é, Secretária? Não podemos viver nesta miséria.

O SR. HÉLIO PORTOCARRERO – Muito obrigado, Vereadora Aspásia Camargo, Sra. Secretária, Srs. Membros da Mesa, é uma satisfação tentar colaborar com o Plano Diretor de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro. Vou ser breve e me ater a quatro tópicos apenas. Lendo aqui o documento sobre as diretrizes, vejo nas diretrizes, propriamente no item 5, o objetivo de criar e aplicar incentivos fiscais para apoio à realização de projetos culturais. É insuficiente. É insuficiente porque várias das instituições têm que fazer a manutenção no que diz respeito a acervos, ou seja, carregar acervos. Carregar acervos é extremamente caro. É como num banco ou numa instituição financeira, carregar dívidas. Carregar acervo é carregar estoque. Isso tem que ser incentivado também, porque são os acervos que fazem as grandes instituições culturais, sobretudo, museológicas e de arquivos. Portanto, é absolutamente necessário que os governos apóiem as instituições que carregam acervo, e é um apoio diferenciado daqueles de eventos ou projetos culturais ou coisas desse tipo. Tem que ser específico e deve ser necessariamente incluído no Plano Diretor, sobretudo, porque no Rio de Janeiro temos vários acervos, alguns dos quais estão praticamente esquecidos. O grande Museu do Folclore, em Vargem Grande, o antigo Museu de Arte Naif, também que fechou. Nós no MAM, não recebemos auxílio algum da Prefeitura do Rio de Janeiro. Recebemos, inclusive, e há uma lei municipal de apoio ao Museu de Arte Moderna que o Sr. Cesar Maia – como tem que cumprir a lei – colocava R\$ 1,00 no orçamento desde o início de seu segundo mandato.

Todas as grandes cidades do mundo apóiam suas grandes instituições museológicas. O Metropolitan Museum é uma instituição de direito privado, apoiada pela Prefeitura de Nova Iorque, pelo Governo Federal dos Estados Unidos e pelo Governo do Estado de Nova Iorque. O Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, uma das instituições museológicas mais ricas do mundo,

porque baseado em seu patrimônio, que é o espaço aéreo sobre o museu dentro daquela Rua 56 e da 5ª e 4ª Avenidas, esse espaço aéreo é alugado pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, uma das poucas instituições de direito privado que é proprietária, e que poderia perfeitamente viver de sua propriedade. No entanto, a Prefeitura de Nova Iorque também apóia o Museu de Arte Moderna, sem falar do Museu do Brooklin que pertence diretamente à Prefeitura de Nova Iorque. Estou falando apenas da Cidade de Nova Iorque, uma cidade simples. Isso ocorre em várias outras cidades, evidentemente.

Então, o apoio ao acervo, Secretária, é essencial para estar no Plano Diretor reconhecido.

O segundo tópico que quero lembrar é utilização de próprios históricos tombados. Isso está bem lembrado aqui no documento. É muito importante. Mas precisa ser efetivado. Há um caso na Cidade do Rio de Janeiro – creio que não seja uma questão de Plano Diretor, porque não caberia citar algo tão específico – mas é um caso que me parece escandaloso. Vários governos, e não se aproveita o antigo prédio do Detran na Praça Tiradentes. Qualquer dia vai cair. É um prédio histórico de enorme importância. Cada Secretário que muda, lembro ao Secretário das circunstâncias desse prédio. Já se pensou em fazer algumas coisas. Houve um tempo que sugeri colocar lá o Clube do Samba, por exemplo; o Museu dos Teatros ou algo desse tipo que fosse integrado exatamente à ambiência cultural daquela área, porque sabemos que uma gafeira, como a Estudantina, faz parte da vida cultural do Rio de Janeiro. Nada melhor do que havendo um prédio público no local, ele se integre dentro da ambiência cultural da área. Esse é um exemplo, mas há vários outros. O que está sendo feito na antiga fábrica de Bangu? Uma estrutura belíssima, uma estrutura extremamente interessante e histórica, afinal.

O terceiro e quarto tópicos têm uma integração, mas há pequenos atores que têm enorme multiplicador. Um deles, que talvez os presentes não saibam, é que existe no Rio de Janeiro um enorme movimento de dança. É um movimento de pouca valorização econômica, são movimentos espontâneos de companhias de dança, em toda a cidade. Isso precisa de pequenos apoios, mas seu multiplicador será excelente. E se integra com o último tópico a que queria me referir, que me pareceu faltou aqui, – é a integração com o processo educacional.

Vi, aqui, nas ações estruturantes, item 3, trata muito rapidamente até da ideia de currículo do ensino básico. Ora, no ensino básico, parece-me, seria revolucionário criar obrigatoriedade do ensino de música, não apenas porque a música é bonita. A música é bonita e a música nos permite, como quase todas as artes, o que os economistas chamam de utilidade psicológica, uma utilidade interna, uma satisfação própria. Isso tem resultados, por exemplo, em termos de pagamento, de folha de pagamento, de remuneração.

A transformação tecnológica que o mundo está vivendo, cada vez mais exigirá que a mão de obra não seja uma mão de obra empregada de indústria, certamente. Pensávamos que nos serviços não existiria o tipo de revolução tecnológica que ocorreu na indústria, mas está ocorrendo também. Isso significa que temos plena consciência de que haverá necessidade de expandir o emprego em atividades culturais, haverá necessidade já, porque isso tudo tem um período de formação. Vi que se iniciou recentemente um movimento para voltar a obrigatoriedade da música nas escolas. Mas parece-me que esse movimento ainda está muito arrefecido. Tem que ser um movimento amplo, muito apoiado. É importante que o Governo se convença que, nessa altura da história, a música volte a ser do ensino obrigatório. Já foi no Brasil, deixou de ser e tem que voltar a ser.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada, Hélio.

Temos que ver o seguinte. Essa questão da música, se não me falha a memória, há uma Lei Federal que já foi votada, mas como algumas outras leis importantes, não entrou em vigor praticamente.

Vou passar a palavra, agora, a Perfeito Fortuna.

O SR. PERFEITO FORTUNA – Quero agradecer a Vereadora Aspásia Camargo por me ter convidado para vir aqui. Saúdo a nossa Secretária, aos Vereadores presentes.

Nunca me apresentei assim, em um lugar tão espetacular. Hoje é minha estreia.

É muito difícil discutirmos, porque não estamos acostumados a discutir a Cidade. Cada um está tão focado em seu trabalho, em sua existência, que rapidamente falarmos aqui tudo sobre o Plano, – eu recebi isso agora, para ler, para poder discutir cada item. Mas quero falar uma coisa objetiva, dentro do que ouvi aqui. Talvez, seja uma coisa pessoal.

Não sou da Lapa; sou de Bonsucesso, depois vim para a Zona Sul e por acaso cheguei na Lapa, há uns 30 anos. E demos uma mexida na Lapa. E quando me falam de patrimônio, de sítio cultural, a Lapa tem uma arquitetura absurda que nos faz lembrar de nossa identidade. O acesso é muito simples. Por exemplo, se lá na Tijuca, alguém começa a tocar um pouquinho, ele chega rapidamente à Lapa, já está tocando em um botequinzinho. E é o jeito de ser da Lapa. Agora, por exemplo, veio a ordem pública. A Lapa diminuiu 20% o público, porque o pessoal bebia, – eu não sou contra isso, ninguém pode ser contra isso – o pessoal beber –, proibir beber e dirigir, mas também eles tem de pensar em transportes, em facilidade de transporte para as pessoas poderem ir para suas casas depois de ingerirem bebidas. O cara da

Barra que paga R\$ 100 para ir para casa de taxi, ele não vem mais. Ou ele vem de carro, ou ele não vem.

A cultura, hoje vejo como saúde pública. Quando o cara vai dançar, e vê 5 mil pessoas dançando, ele não está em um hospital, não está deprimido, está dando beijo na boca. Isso é saúde. Do jeito que estamos deprimidos, com medo, hoje, uma pessoa sair para tomar uma cerveja, dançar e ouvir música é uma felicidade muito grande. A Lapa e nosso povo culturalmente tem isso na alma. Na hora que se propõe isso, ele se descobre como cidadão. E vê: “Caramba, eu existo; eu também não só trabalho, eu também me divirto, eu também tenho prazer”. Isso dá vontade de viver. Quanto custa isso? Não sei. Sei é que quando a gente pensa em fazer, – hoje, nosso Governo novo, que aliás saúdo, aqui, poucas vezes vi outro Governo fazendo coisas públicas para a população, poucas vezes vi um Governo com tamanha vontade de realizar verdadeiramente. Sou antigo, tanto no plano municipal como estadual. O pessoal com maior vontade de realizar, isso eu vejo. E aí, fico pensando assim: esse Governo tem uma grande intenção com o Cais do Porto, fundamental, maravilhosa. E grandes investidores vão para lá. Mas vai chegar uma coisa de investidores de dinheiro. A Lapa começou de quem canta, de quem toca, de quem abriu um botequim, é o jeito do Rio de Janeiro. Temos que incentivar se não prestarmos atenção na Lapa, na organização, porque o acesso é fácil.

Hoje, estão fazendo as favelas, PAC, e é importantíssimo fazer isso, mas o cara fica lá e toca. Mas como ele segue? É na Lapa. Então, a indústria cultural vem por ali, passa por ali. Quer dizer, pode passar e pode passar mais.

Então, chamei atenção para isso, porque se não nos organizarmos, porque a organização vai ajudar-nos, porque, como já está diminuindo o público dali, por causa do negócio da bebida, e por não ter um transporte alternativo. Porque há restrição, não se pode beber, não se pode sair de carro. Mas é preciso que se diga como se vai até lá. Se vai ter ônibus, Metrô. Vai ter o que para essas pessoas continuarem se divertindo e voltarem para casa tranquilos, sem bater de carro?

Era essa observação objetiva.

Agradeço a todos.

Obrigado pela atenção.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Estamos realmente atentos a essa questão, porque vamos estimular muito a Região do Porto, mas também não podemos deixar a Lapa abandonada. Aliás, a Lapa se virou muito bem, obrigada, com muito pouco ajuda, praticamente nada. Ela é uma glória, é um empreendedorismo cultural de grande porte.

Quero passar a palavra, agora, Ibá dos Santos, da Apac do Lido, que é uma área muito interessante, um conjunto de prédios.

O SR. IBÁ DOS SANTOS – Muito bom dia.

Agradeço a oportunidade que a Vereadora Aspásia Camargo nos dá aqui, para a Apac do Lido.

Quero falar que o apoio da Vereadora à Apac do Lido não é de agora; já tem algum tempo, desde que ela encabeçou uma luta pelo não pagamento de IPTU, quando o IPTU não resultava em ordem urbana. Nós, que moramos na Apac do Lido, Sra. Secretária sofremos uma série de desincentivos à preservação da cultura. Queremos preservar. Preservar custa caro. No entanto, apesar da lei, do Decreto que criou a Apac do Lido, de 92, de lá para cá não houve praticamente monitoramento por parte das entidades, das autoridades públicas, em relação à conservação da área. O resultado disso foi uma série de deformações. O que queremos é o incentivo à preservação. Temos certeza de que a Apac do Lido não é só uma questão de uma série de prédios bonitos que poderiam ser mais bonitos.

A Apac do Lido também se desenvolveu como em Copacabana, numa área mais antiga do que Copacabana, perto do Copacabana Palace. Local onde residiu uma série de artistas, sejam de teatro, de música, como, por exemplo, nosso vizinho ali no prédio, Neguinho da Beija-Flor. No outro prédio morou Dorival Caymmi. Em meu prédio residiu Norma Bengell. O prédio ao lado, que serviu de cenário para a novela Paraíso Tropical. Enfim, uma série de elementos que podem servir a passeio turístico, a informação, a desenvolvimento cultural. Inclusive, nos restaurantes que estão ali. No entanto, nada disso acontece. Meu prédio, por exemplo, está deformado. Há uma série de deformações. Nós, por vontade própria, dos condôminos, da síndica, estamos procurando fazer reformas necessárias para que o prédio não pegue fogo. Também para que ofereça melhor qualidade de vida às pessoas. No entanto, não há meio para que a coisa seja preservada. Acreditamos nós que se for dada uma atenção, como exige a questão do meio ambiente, área em que trabalho, como, por exemplo, o princípio poluidor, pagador ou seja, aquelas pessoas que mais conservam, que seja diminuído seu IPTU, para que aquelas pessoas que deformaram paguem mais IPTU, acho que a questão pode se reverter.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Vamos concluir, porque o assunto é amplo, é complexo e acho que temos, já, uma ponte aí. Já até conversei bastante com o Secretário de Patrimônio sobre esse assunto e acho que precisamos aprofundar, mas precisamos dar tempo para outras pessoas falarem. Porque temos, ainda, que discutir o turismo.

O SR. IBÁ DOS SANTOS – Perfeito. Então, aquela área ali, Sra. Secretária, é uma área turística por si mesma. Acho que podemos e queremos desenvolver aquela área.

É isso o que eu queria dizer.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada. Vou chamar, agora, Mauro Osório a quem também peço que dê sua opinião sobre a questão da cultura. Mauro Osório é da área da Economia e, quando os economistas se interessam por cultura – e ele se interessa muito – temos que tratá-los muito bem, Secretária, porque é difícil. E é importante para nós.

Mauro, por favor!

O SR. MAURO OSÓRIO – Bom dia, Secretária, Aspásia! Vou fazer uma intervenção curta.

Temos feito bastantes coisas em comum, temos vários amigos aqui Hélio Portocarrero e todos mais. A Cidade do Rio de Janeiro tem uma vocação muito forte para essa área de cultura, entretenimento, esporte. Esperamos que nos dia dois conquistemos as Olimpíadas. Por que isso? A Cidade do Rio de Janeiro não é só capital; ela tem uma história de capitalidade. Existe um historiador de arte, que foi prefeito de Roma, chamado Giulio Argan, que diz que todo país no mundo tem uma cidade que é sua referência internacional. O Rio de Janeiro se constrói como referência internacional do país. O Rio de Janeiro, antes de ser capital, já era porto. Na história portuária consta que o Rio de Janeiro, antes de ser capital, já era porto. Na história portuária consta que o Rio de Janeiro nasce como porto e fortificação militar.

Vira um eixo de logística brasileira e latino-americana. No ciclo do ouro, a capital vem para cá, já por conta dessa história e, depois vem a família real e o Rio de Janeiro se consolida como espaço da cultura, espaço das finanças, referência internacional brasileira. Quando pensamos em Estados Unidos, não pensamos Washington. Pensamos em Nova Iorque. Já havia mandado, uma vez, à Vereadora e também à Secretaria, Jandira Feghali, um dado muito importante: a Cidade de São Paulo tem o dobro de empregos da Cidade do Rio de Janeiro. Mas, quando pegamos as áreas de esporte, cultura, entretenimento e mídia, o emprego na Cidade do Rio de Janeiro, mesmo com todas as perdas, Vereadora Aspásia Camargo, é igual ao da Cidade de São Paulo. É uma brutal potencialidade que o Rio tem nessas áreas. Acho que o que falta a nós, cariocas, com essa história de Centro Nacional, os investimentos vinham para o Rio de Janeiro sem termos que pensar muito sobre isso. Por que o BNDES está no Rio de Janeiro? Por que a Petrobrás está no Rio de Janeiro? Por que a sede da Shell veio para o Rio de Janeiro, da Xerox? Porque aqui era o espaço nacional brasileiro. Ano que vem fará 50 anos que a capital se mudou, e se entrarmos nos *sites*, nos programas de mestrado e doutorado em economia no Estado do Rio de Janeiro, não vamos encontrar, ainda sequer uma linha de pesquisa na área regional, ao contrário do que existe nas universidades de São Paulo e de Minas Gerais. É claro que existe um espaço. Eu mesmo participo de grupo de pesquisa, seja na universidade, seja fora dela, eu dou consultoria, por exemplo, no Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, onde temos espaço para discutir esse tipo de coisa, mais ainda falta consolidação de reflexão.

O Rio de Janeiro vive um momento de virada. Vamos ter muitos investimentos vindo para o Rio de Janeiro. Temos um bom relacionamento federal, municipal e estadual, mas isso também não basta. Acho que um dos mitos do Rio de Janeiro é que o Poder Federal persegue o Rio de Janeiro. Parece, um pouco, aquela criança que bate na mesa, a mãe fala: “Mesa feia!” Só que a mesa está lá quieta. A criança é que não olhou. Nós é que temos o olhar pouco para o Rio de Janeiro. A culpa não é dos paulistas, nem dos mineiros; a culpa é nossa. Temos que procurar, sem deixar de ser cosmopolita.

Costumo brincar que o carioca mais provinciano, pensa no Brasil; o mais cosmopolita, pensa mundo. Então, temos que usar essa história cosmopolita, essa história de espaço nacional, essa história de música, talvez o maior bem tangível – a UFRJ, aqui, trabalha muito com essa história de música, de entretenimento – talvez o maior bem tangível do Rio de Janeiro seja exatamente a música. Rodamos o mundo e ouvimos Tom Jobim, Fio Maravilha, ouvimos samba, música popular brasileira. Então essa é a história do Rio de Janeiro. Se procurarmos olhar esse patrimônio cosmopolita do Rio de Janeiro, vamos apropriar-nos disso, a partir de políticas locais e regionais.

Vereadora Aspásia Camargo, podemos até discutir mais isso. Mas uma sugestão – e vi que no de cultura tem isso – é procurarmos estimular a reflexão sobre o Rio de Janeiro, base de dados sobre o Rio de Janeiro, prêmios sobre o Rio de Janeiro. Presido atualmente o conselho de informações estratégicas da cidade e esse conselho é vinculado ao Instituto Pereira Passos. Montamos um conselho com um olhar da universidade sobre a cidade e vamos criar um prêmio sobre a Cidade do Rio de Janeiro lá para qualquer área de reflexão sobre a cidade. Acho que tanto na parte de turismo, como na de cultura, você ter preocupação com base de dados, estimular a reflexão regional, como subsídio para estratégia, e no de cultura isso já está presente, acho que é fundamental. Costumo dizer que o que temos de universidade pública e regional aqui é a Uerj. A Vereadora Aspásia Camargo até tem vínculo com a Uerj. A Uerj é mais uma federal do Rio de Janeiro. A Uerj, as principais áreas da Uerj é medicina social, partido sanitaria hegemonicamente parte daqui. Não é à toa que o ministro Temporão é do Rio de Janeiro, Edson Cordeiro, que foi presidente do Inamps, Arouca, que foi presidente da Fiocruz. Mas o que a Uerj tem de mais sólido na área regional, principalmente na área econômica? Muito pouco. Então, a articulação também com as universidades, principalmente com a Uerj, porque nossa universidade estadual vive de impostos regionais.

Enfim, sem me alongar muito, acho que uma primeira questão é a importância desse tipo de setor. O Rio de Janeiro hoje deveria priorizar, por um lado, entretenimento, turismo, cultura, esporte e, por outro, petróleo. E o petróleo também tem vínculo com o poder. Porque o que é o Houston? Houston é um grande centro também de eventos, de convenções. Por exemplo, precisamos, na área de turismo, ter um calendário o ano inteiro. O Rio de Janeiro não pode viver só do Reveillon e do Carnaval. Talvez, com uma diretriz, essa questão dos calendários é uma coisa que também pode ser bastante importante. Outra coisa, que foi uma questão que a Secretária Jandira Feghali colocou aqui, é pensar a cidade por inteiro. Ou seja, a cidade só vai ser boa para o turista se for boa para seu cidadão. Se refletimos pouco sobre o Rio de Janeiro, refletimos a Cidade do Rio de Janeiro muito mais sobre a Zona Sul, que é onde estão os formadores de opinião. Adib Jatene, médico como a Secretária Jandira Feghali, costuma dizer que o maior problema do pobre é que o amigo dele também é pobre. Aí, não tem nem para quem recorrer. O que conhecemos da Zona Oeste, por exemplo? Nós, que moramos na Zona Sul, que estamos na universidade? Muito pouca coisa. Temos que procurar estar trabalhando a política de cultura de forma integrada, priorizando regiões que têm menos alternativas.

Estava aqui o João Fortes, que é lá do Império Serrano, no subúrbio do Rio de Janeiro. É muito como a Vereadora Aspásia Camargo disse. A história da música do Rio de Janeiro. Temos que voltar a reforçar o subúrbio carioca e ver como se integram

cultura, turismo e cidade. Ou seja, a cidade só vai ser boa para o turista se for boa para o cidadão. O Rio de Janeiro precisa passar a ter estratégias locais e regionais. Até hoje isso é um grande vazio. Perdemos a capital, não implantamos estratégias regionais e tivemos uma longa decadência. Acho que está na hora de reverter isso. Acho que temos todas as condições.

Parabéns por sua iniciativa e por seu trabalho, Vereadora Aspásia Camargo. Acho que o Plano Diretor não pode ser só uma coisa de desenho urbanístico. O Plano Diretor vem muito da tradição da arquitetura.

O Estatuto das Cidades tem algo excessivo na coisa urbana, de desenho. Temos que manter isso, temos que passar a ter uma preocupação - o Plano Diretor - com a questão econômica, com a questão social, e pensar essas questões de forma mais integrada.

Obrigado pela oportunidade.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Muito obrigada.

Acho excelente que possamos dar esse passo adiante na questão cultural, vendo realmente essa vinculação com o Plano Diretor e com as prioridades que a cidade tem que adotar para poder recuperar um pouco sua identidade, porque é uma identidade castigada. Tivemos muitos golpes, muitas perdas, e precisamos reconstituir o tecido de nossa identidade. Sem dúvida alguma, é um problema cultural de grande importância.

O Vereador Renato Moura está aqui conosco.

Muito obrigada, Renato.

Quero fazer menção aqui a Araci Burger, da Academia do Tango do Brasil - estávamos falando de música e de dança; a Alexandre Pereira, Controle Social; a Luiz Leitão, da Cara de Cão Produtores Ltda.; a Sílvia Rabelo, da Labocine do Brasil; a Leonardo Pereira Mota, do Apafunk; a Perfeito Fortuna, que já falou; a Thaisa Faric; a Isabela Valéria, do Senac; a Diva Pereira, da Gestão de Turismo do Senac; a Vera Lúcia, da Secretaria de Turismo do Estado; a Ada Carvalho e Janine Lyrio, da Faculdade Senac; a Fátima Senna, Massoterapeuta; a Antônio Leal, do Fórum de Festivais de Cinema; a Luiz Brito, da TurisRio; ao Capitão Jailton da Luz, do Batalhão de Turismo. E Marco Andrade, também, do grupo Cultural da Pavuna, das Lonas.

Dado o tempo tão curto que temos, quero ouvir mais, Secretária, para que possamos ter uma apreciação sua sobre todas as manifestações.

MC Leonardo, Flávia Flamirio, por favor.

Professora, obrigada aqui pela presença.

Vou pedir a todos que sejam breves, para que possamos cumprir nossa lista, que foi bastante extensa e expressiva.

A SRA. FLÁVIA FLAMIRIO - Obrigada pela oportunidade.

Eu sou Diretora-Geral da ESPM-Rio de Janeiro. A ESPM foi convidada a estar aqui hoje em virtude de possuir uma Faculdade de Graduação e Administração de Empresas, com uma linha de Formação em Gestão de Negócios do Entretenimento. A ESPM é uma organização que surgiu a partir de uma demanda do mercado publicitário à época e que, estando já há 35 anos aqui no Rio de Janeiro, identificou a necessidade no mercado carioca de formação de profissionais dentro do setor do entretenimento. Criou, então, uma imensa faculdade de graduação e um curso de pós-graduação nessa área.

Temos feito vários investimentos dentro do desenvolvimento dessa discussão que o colega economista colocou sobre a criação de núcleos de desenvolvimento de profissionais com uma formação melhor. Concordamos com a importância de se desenvolver o mercado carioca nessa linha. O Rio de Janeiro concentra um número enorme de pessoas – artistas e doutores, mestres – que têm uma sólida formação acadêmica, que leva a gente também a essa oportunidade. Só destacando, eu gostaria de chamar atenção para a colocação da Secretária sobre a questão do entretenimento. O entretenimento pode ser hoje cada vez mais pensado como uma indústria que diverte, emociona, mas movimenta bilhões de dólares, seja com filmes, seja com parques temáticos. As empresas cada vez mais identificam as oportunidades de se investir no entretenimento e, com isso, evidentemente, em todos os eventos culturais. Por isso, há de se pensar que devemos aproveitar essa oportunidade dos investimentos privados para promover o entretenimento. A Secretária também mencionou a questão da inter-rogação: por que o entretenimento, quando uma Cidade pode precisar, prioritariamente, de saúde ou segurança, não é? Eu gostaria de destacar que não existe uma diferença ou uma contradição entre trabalho e diversão. Cada vez mais as pessoas precisam reduzir o estresse e buscam, então, como consequência, a aproximação com o entretenimento. Eu gostaria de colocar a Escola aqui à disposição. Nós já temos algumas parcerias importantes, como o Globo Universidade, que temos desenvolvido aqui para colaborar com o desenvolvimento da cultura no Rio de Janeiro.

Era isso.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Passo a palavra a MC Leonardo, dizendo que ele é da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk, e que estamos aqui 100% em defesa do funk. Porque há uma manifestação cultural que não tem nada a ver com os usos e com os problemas que porventura

existam nos bailes funk. Aliás, o samba já viveu coisas bem parecidas num passado que já é um pouco remoto. Estou falando por mim e sei que muitas pessoas estão nessa posição de valorizar uma expressão cultural tão importante de nossa cidade.

Por favor, Leonardo.

O SR. MC. LEONARDO – Bom dia a todos. Essa luta da Apafunk é uma coisa nova no Rio de Janeiro. Fundei uma associação porque vivo há 17 anos do funk dentro do Rio de Janeiro. O funk paga um preço muito caro por ser de massa, por vender muito. A gente tem uma imprensa hoje que vende muito mais notícia do que informa, não é só o funk que sofre com isso. Lutamos para que essa imprensa realmente tome cuidado na hora de noticiar. Vocês vêm que neste final de semana aconteceu um problema na Cidade de Deus e que nenhuma das versões, nem da parte da polícia, nem da parte dos moradores da Cidade de Deus procurou informar a verdade. O funk levou a culpa de uma coisa que ele não produziu. Ele não produziu aquele mal! Não foi o baile funk que fez as pessoas entrarem em atrito com a PM! A favela tem um problema ali dentro, que é um câncer, que não foi o funk que colocou ali.

Vou tentar unir aqui várias coisas que foram faladas. Primeiro, Prefeito Fortuna falou na questão de quanto custa o divertimento. O funk está saindo muito caro! Sempre saiu. O baile funk está na Lapa. Várias vezes fui lá ao Circo Voador fazer show, e também à Fundação Progresso. Só que está à R\$ 40,00 (quarenta reais)! A população que produz o funk não vai poder ir lá, nem tem carro para ir.

Então, esses divertimentos que aconteciam perto das favelas, vários clubes foram criminalizados por sucessivos governos que nunca souberam tratar bem o funk. Pois bem! Em qualquer lugar do planeta que se toque música eletrônica, todo mundo vê o funk como uma música enérgica, como uma música original. Só o Rio de Janeiro é que demorou para ver isso! O funk emprega 10 mil pessoas no Estado do Rio de Janeiro! O funk movimenta de 10 a 12 milhões por mês! O funk tira três milhões de pessoas de casa, por mês, no Rio de Janeiro sem um único centavo de dinheiro público! E ele é marginalizado! Uma marginalização que criminaliza aquele cada vez mais, porque quanto mais marginal uma atividade, outros poderes vão se apoderar desse ritmo tão rico que tem uma produção tão forte e que emprega pessoas que não conseguem sobreviver fora da favela. O funk é produzido assim como o samba. Todo mundo pode fazer samba! Mas ele se cria, ele se transforma, ele ganha vida dentro do ambiente da favela.

Agora vou entrar em outro assunto. Vou sair do lado cultural e entrar no tema da favela. Fiquei muito triste esta semana ao assistir o Programa do Jô Soares, uma pessoa que admiro e até tenho vontade. Já fui duas vezes lá cantar mas não fui entrevistado. Admiro, gosto do programa dele. Só que ele, ao entrevistar

uma pessoa que está fazendo turismo dentro das favelas, ele se equivocou, Secretária. O Jô Soares se equivocou. O que ele falou no programa dele uniu a favela totalmente contra ele. No final de tudo ele falou assim: “Quem faz esse tipo de turismo quer que a favela continue!”. Como? A favela vai para onde? A favela vai continuar! Será que a gente tem que fazer com que a favela não continue?! E no final ele completa dizendo que os campos de concentração já acabaram, no planeta, então esse tipo de turismo há de aumentar.

Está cheio de gringo nos bailes funks! Está cheio de turistas de vários lugares do país dentro dos bailes funks do Rio de Janeiro. A gente procurou a política para sustentar essa visitação internacional ao ritmo funk do Rio de Janeiro, a gente j a est a ajudando tanto a parte do turismo quanto a parte da cultura no Rio de Janeiro. Meu tempo é muito curto mas quem quiser informaçoes sobre a Apafunk o *site*   www.funkderaiz.com.br.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Quero passar a palavra, agora, a Jorge Barros do Instituto Verde da Zona Oeste.

O SR. JORGE BARROS – Bom dia, Vereadora. É um prazer muito grande estar aqui. Bom dia a todos. Bom dia, Secretária.

Pretendo rapidamente trazer dois assuntos: um de ordem geral e outro de ordem específica de minha região. Estou aqui representando meu instituto. Lido ali na Zona Oeste na APA Geri n -Mendanha, na proposta de construir uma agenda verde sustentável para a Zona Oeste, que é composta de 17 bairros, desde Realengo a Santa Cruz, compreendendo 2 milhões de pessoas. Quero, primeiramente, Secretária, dizer   senhora de uma das a oes que a cultura precisa resgatar. Antes do mensalão, fui coordenador da Unesco que me designou para tocar um projeto na Cidade do Rio de Janeiro, para as escolas de samba, porque também sou um consultor e formador de cooperativas. Eu sou da OCB do Rio de Janeiro. Naquele período em que estávamos trabalhando as escolas de samba do Rio de Janeiro, lamentavelmente o mensalão atropelou tudo. Hoje temos um equipamento feito pelo Prefeito Cesar Maia, que está ali exatamente na Rodrigues Alves e que as escolas de samba, mas a gente só v  aquele equipamento funcionando no período em que, efetivamente, as escolas de samba têm que se preparar. Eu creio que aquilo ali poderia ser um equipamento tremendo para funcionar 365 dias por ano. O período em que eu era consultor da Unesco, Secretária, levantei que 15% dos produtos das escolas de samba são produzidos no Rio de Janeiro, 85% vem importado de São Paulo e de outros

estados. Reverter essa situação pode ser um grande ganho para a Cidade do Rio de Janeiro!

Antes de tratar da Zona Oeste eu trouxe aqui um pensamento de um autor chamado Armando Silva, um pesquisador de cidades que trabalhou em cima do imaginário social das cidades, e está sendo implementado em 14 cidades.

Ele diz assim: “Se seguirmos o modelo ocidental, o europeu e norte-americano, e nos compararmos a eles, seremos sempre pobres e caóticos. Mas, por outro lado, nossas cidades têm vitalidade invejável. Já morei em cidades perfeitas, do ponto de vista urbanístico, como as do Sul da Califórnia que são uma catástrofe emocional. Acho que as cidades devem atender aos seus desejos e às representações dos cidadãos, a seus afetos e as lembranças”.

Eu quero dizer, então, para os senhores, que a partir de um mês e meio atrás, um bem intangível que acabou ganhando a Cidade do Rio de Janeiro e que já ultrapassa a música, Secretária, é que somos campeões mundiais da felicidade! E a felicidade hoje é um componente que esta cidade tem, que o planeta não tem igual e eu tenho certeza que é um produto que o mundo demanda. Estamos trabalhando a questão da sustentabilidade do planeta que começa com a felicidade! O homem tem necessidade desse bem intangível. O Rio de Janeiro pode exportar felicidade.

Agora, pedindo à nossa Secretária, em relação à Zona Oeste. Nós temos, Secretária, na Zona Oeste uma necessidade imperiosa, para ontem, com relação à questão cultural. Eu quero me colocar objetivamente à sua disposição. A Vereadora Aspásia Camargo vai estar conosco na universidade – eu leciono na Universidade Unisuam, Campus de Bangu – para exatamente falar dessa questão cultural porque temos uma demanda lá, do Oiapoque ao Chuí, temos dois milhões de pessoas.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada. Vou agora pedir licença a vocês porque estamos estourando o nosso tempo. Vou passar a palavra ao Luiz. Vocês me perdoem. Eu acho que vamos ter que passar a palavra à Secretária, senão ela vai ficar sem ter interlocução com vocês. O Secretário Antonio Pedro, de Turismo, já está aqui e nós temos aqui a agenda do turismo para cumprir hoje. Infelizmente, nós começamos um pouco tarde. É um hábito carioca não cumprir horário.

O SR. LUIZ LEITÃO – Bom dia a todos. Não tive tempo de estudar a fundo o Plano Diretor mas senti falta de uma coisa. A Prefeitura está apoiando muito os cinemas cariocas, os cinemas principalmente da Cidade do Rio de Janeiro. E tanto a Secretária, quanto a Riofilme, quanto o Prefeito, estão dando todo apoio e eu não vi, nesse Plano Diretor, nenhuma menção a equipamentos

de cinema. Um dos grandes problemas conhecidos do cinema nacional é a falta de salas de exibição e a falta de formação de público. Eu acharia interessante que nesse Plano Diretor tivesse também, assim como o Município tem uma rede de teatros, tivesse uma rede de cinemas, voltada mais para a Zona Oeste, para a Zona Norte; a criação de cinematecas dentro das escolas municipais para haver uma formação de público de cinema dentro das escolas.

Quero aproveitar também a oportunidade de estar presente aqui na Câmara para pedir apoio aos Vereadores no sentido da aprovação das emendas e das leis que estão sendo enviadas pelo Executivo, dando apoio ao cinema. Eu trabalho com cinema há 35 anos e há 35 anos vejo essa atividade ser degradada no Rio de Janeiro. Uma atividade que está sendo sucateada! Temos poucos sobreviventes aqui, apesar do Rio de Janeiro ser um dos maiores produtores de cinema de longa-metragem, e a gente perdeu a indústria de cinema publicitário. Para se fazer um filme no Rio de Janeiro se tem que trazer equipamento de São Paulo, você tem que trazer equipamento de São Paulo, você tem que trazer câmera de São Paulo, você tem que trazer iluminação de São Paulo.

E pedir à Câmara o apoio a esse grande incentivo que está sendo proposto pelo Executivo.

Agradecer à Secretária e à Subsecretária o apoio que vocês estão dando. É a primeira vez que eu vejo um governo prometer e ter uma resposta tão rápida nesse sentido de apoio a uma atividade. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada, Luiz Leitão. Muito obrigada. Eu acho que a questão do audiovisual é uma indústria complexa, uma indústria que realmente exige muitos investimentos.

Mas eu queria agora passar a palavra à Secretária Jandira Feghali, pedindo a ela que seja breve, porque todos os assuntos aqui são extremamente complexos. Mas nós podemos deixar um gancho para um diálogo mais sério e detalhado sobre cada um desses temas.

Por favor, me desculpe, eu queria passar a palavra para o Renato Moura, que está querendo se pronunciar sobre os temas aqui da nossa discussão.

O SR. VEREADOR RENATO MOURA – Bom dia a todos, bom dia Presidente, Secretária, Secretário de Turismo.

Eu só queria deixar registrado aqui ao companheiro Luiz Leitão, foi muito importante a sua colocação, que em Bangu, nós temos um cinema de arte que se chama Cine Arte Bangu. É um projeto que já tem quatro anos. Ano passado, nós levamos 20 mil crianças ao cinema, formando platéia. Então, hoje nós estamos sem o apoio de convênio com a Prefeitura, mas já está aberto o

canal com o Prefeito Eduardo Paes para que seja feito um novo convênio.

Bangu não tinha cinema há 20 anos. Lá nós tínhamos o Vitória, o Hermida, o Matilde e ficamos 20 anos sem cinema. Com esse projeto do Cine Arte Bangu, logo depois inaugurou o shopping Bangu, onde nós hoje temos seis salas. Sendo que esse trabalho de formação de público tem que continuar, porque é a criança da comunidade carente que nós vamos buscar para trazer para o mundo do cinema. Lá é um cinema de 35 milímetros, é um cinema de rua muito charmoso, onde nós temos uma galeria de arte também, onde os artistas da região podem exhibir os seus trabalhos ali.

Então, eu só queria deixar registrado que em Bangu, Secretário, existe o Cine Arte Bangu, que está lá funcionando, tem uma programação muito legal, sendo que está parado nesse momento para manutenção. Mas eu sei que o Prefeito é sensível a essa questão do cinema e que tem feito já, em pouco tempo, uma coisa positiva para o cinema. Eu acredito muito nesse governo, na visão da nossa Secretária. Eu acho que em cada comunidade teria que ter um cinema, porque o acesso ainda continua difícil para as pessoas que não tem tanta renda e condições eu só queria deixar registrado. Muito obrigado, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Muito obrigada Vereador.

Passo a palavra agora à Secretária Jandira Feghali.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Eu acho que muitos temas aqui foram levantados e obviamente eu tentei, dentro do tempo, me ater a alguns aspectos de macrodiretriz do Plano Diretor em relação às inovações. Porque a gente precisa diferenciar o que é plano estratégico da cidade de Plano Diretor. São coisas que têm suas diferenças. Mesmo que a gente mexa no conceito de Plano Diretor, ele é um plano de ocupação espacial, territorial, olhar as desigualdades e ver como fortalecer.

Acho até Vereadora, que a gente pode tentar mandar um anexo sob uma visão regionalizada de como a gente pensa a intensificação da questão cultural dentro desse Plano Diretor. Mas alguns aspectos aqui, eu quero responder mais objetivamente.

Primeiro, eu acho que de fato, Mauro Ozório, que isso é um histórico do Rio de Janeiro, que a academia precisa pensar mais na Cidade. Aqui é sempre o nacional. Isso tem a ver com a nossa história política também, ter sido capital federal, sede do império, etc. Mas é necessário, acho que isso vem crescendo, a gente se preocupar e olhar um pouco para dentro, como é que nós trabalhamos a Cidade do Rio de Janeiro. Eu acho que é importante.

Aliás, o Plano Diretor, eu estava buscando, enquanto você falava, alguns artigos que falam da cooperação técnica de pesquisa de inventários, isso está escrito aqui, para depois tomar prática.

Até porque não tem só o aspecto cultural, o material, o tangível e o intangível, mas tem o aspecto da dimensão econômica da cultura.

Eu acabei de vir de um Congresso da Unesco. O primeiro congresso da Ministra Cultural, onde essa questão da dimensão econômica começa a ganhar corpo. Porque essa é uma área onde a automação não substitui o criador. Então é uma área onde se gera muito emprego. Mais emprego, comparativamente, inclusive do que a construção civil, por exemplo, e que algumas pessoas não enxergam.

Inclusive, nós estamos criando dois instrumentos estruturantes da gestão. Um com o IPE de indicadores de avaliação de gestão, que pode servir para cultura e para todos os outros. E o outro é fazer um senso cartográfico da Cidade, para levantar de fato as economias, as cadeias de produção, por exemplo, que a gente às vezes não reconhece como tal, e que são cadeias da economia criativa, não necessariamente industriais. O que a gente precisa é fazer uma nova cartografia cultural urbana para conhecer de fato essa Cidade, a sua diversidade, o que é que ela pensa, sua relação com o meio ambiente, o que é a cadeia produtividade, a sua religiosidade, as suas etnias, você conhecer de fato o Rio de Janeiro. Porque eu acho que aqui, mesmo eu tendo sido candidata a Prefeita do Rio, eu digo que não conheço a Cidade inteiramente, aliás, eu acho que ninguém, entre nós aqui, conhece de fato o Rio de Janeiro no seu nível de detalhe, na sua profundidade. Então, isso é que dá identidade ao Rio de Janeiro. O que dá identidade ao Brasil é a sua diversidade, o que dá ao Rio de Janeiro também. E tem seus ícones da música, na dança, no choro, na dança nova.

Os roteiros desse campo da música são roteiros turísticos também. Uma boa preservação do patrimônio urbano é um roteiro de turismo urbano também. Então, essa relação com a questão do turismo tem muito a ver com o que a gente pode fazer no campo da cultura e da sua preservação de patrimônio.

E aí eu pulo direto para aqueles pontos levantados aqui sobre o fortalecimento do acervo. Isso está escrito no Plano Diretor. Mas o fato precisa ter uma execução mais concreta, porque isso é um volume de recursos enorme, que a cultura não tem. Infelizmente, nós não temos o dinheiro para fazer o que nós achamos que devemos fazer, mas nós precisamos ter dinheiro e ter parceiros que invistam.

De fato, no mundo inteiro, o patrimônio é a grande referência para as pessoas que chegam. Então, essa teoria de fomentar e investir na conservação do patrimônio é muito importante. E a valorização de próprios públicos, tombados ou não tombados... Por exemplo, o senhor citou o Detran, eu cito o Automóvel Clube. O Automóvel Clube é um prédio maravilhoso, central, para o qual nos já temos um grande projeto. Espera que a gente consiga fa-

zer pela centralidade, pela importância histórica que aquele prédio tem, além de outros.

Tem vários cinemas fechados na Zona Norte e na Zona Oeste que de fato precisam ser abertos ou como cinema, muitos deles, ou como outros, pela estrutura do prédio, pela sustentabilidade que o cinema precisa nos prédios, talvez nem dê mais para cinema, mas podem dar para outra atividade cultural.

Companhias de dança. Nós temos trabalhado superbem com isso a partir do Centro Coreográfico. Nós ampliamos muito, absorvemos muito, companhias residentes, ensino e queremos entrar diretamente com isso nas escolas.

Música. Já é lei a obrigatoriedade, como também o ensino da cultura afro-brasileira. Agora é isso, entre a lei e a vida... No caso do Rio de Janeiro, nós temos vários projetos nas Escolas do Amanhã e temos um projeto chamado Orquestra Nascente, que é o ensino clássico, de coro e banda, para 20 núcleos, que dá 1.200 crianças no 1º ano. Então, esse projeto compra os instrumentos para a criança levar o instrumento para casa. Acho que isso é importante.

Em relação à estrutura e a relação com o esporte, por exemplo, 2016, – espero que a gente ganhe no dia 2, já virou até feriado, vamos acompanhar aquela história de Copenhagen – é importante que a gente enxergue esse evento, que o Prefeito tenha essa visão, de qual é o legado que fica para Cidade. Porque o PAN não inaugurou uma estação de Metrô, não deixou um legado para cultura, um legado para infraestrutura da Cidade. Ou nós fazemos isso, ou também não adianta só Olimpíada, e fica o que mesmo?

Então, nós precisamos de fato de um grande evento pela Cidade, pelo esporte. Mas nós precisamos extrair disso legados, inclusive para os equipamentos culturais, para infraestrutura da Cidade. Esse é um esforço que nós vamos precisar fazer.

Teve um outro aspecto levantado aqui pelo Prefeito: a questão da Lapa. O Prefeito sabe da prioridade que a gente está dando, e o Prefeito também, a questão da Lapa, que sobrevive apesar do Poder Público. Na verdade, a Cidade grita e ela aconteceu apesar desses desastres de muitos anos na Cidade do Rio de Janeiro. Em oito meses não é fácil virar tudo. Nós só temos agora, vamos completar nove meses de gestão, mas muita coisa a gente já está elaborando e planejando e a Lapa é um deles: eu é que coordeno o projeto, a Secretaria é que coordena, são 18 Secretarias envolvidas, empresas privadas envolvidas, tem camelôs envolvidos para que a gente de fato dê uma sustentação, e vamos agora ainda esse ano, criar o hábito diurno da Lapa, a Lapa precisa viver de dia também. Então, esse é um aspecto que nós estamos trabalhando. Estou respondendo rápido por causa do tempo.

Essa questão da gestão das APACs e de fomento está aqui também, e o fundo, se não criar o fundo não tem dinheiro para fazer isso que o companheiro está falando, por isso nós estamos

criando fundo, gerando fonte de fundo para que a gente possa investir. Se as APACs tem que ter uma gestão própria tem que ter dinheiro para poder colocar. Então, a questão do fundo, é importante que a gente tenha a Câmara que é fundamental nisso, e precisa nos ajudar a criar o fundo.

A questão de emprego o Mario Ozório falou, quer dizer, essa dimensão econômica, como ele disse, em São Paulo tem o dobro da população, e em números absolutos o mesmo número de empregos, necessariamente, temos mais emprego e cultura do que São Paulo. Então, objetivamente essa é uma área que nós precisamos trabalhar.

Eu queria ter o Orçamento também, mas não tenho. O Orçamento de São Paulo, que é o dobro da população, tem seis vezes o Orçamento de Cultura do Rio de Janeiro. Agora o Prefeito mandou para cá 1% do Orçamento, que é uma bandeira nacional hoje, é simbólico, mas comparado a São Paulo eles tem seis vezes o nosso Orçamento; e ainda ganharam uma bagatela de R\$ 100 milhões para fazer uma intervenção urbana na praça em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. O Secretário de Cultura recebeu R\$ 100 milhões para fazer a intervenção urbana o que é para além de seis vezes o nosso Orçamento aqui no Rio de Janeiro. Então, realmente não é fácil.

Tem a questão da iluminação da Cidade que é outro *máster plan* que entra nessa visão de clarear, mas de também de dar iluminação cênica para a Cidade, isso muda a cara da cidade, muda tudo.

Eu gostaria de deixar aqui esse aspecto do IPTU, essa questão do IPTU progressivo que é uma coisa fundamental. O IPTU progressivo, além de justo, de progressista no sentido da política, ele ajuda muita coisa, quer dizer, tem gente que tem que estar isenta mesmo, é o tal subsídio cruzado para favorecer a Cidade inteira. Essa questão do IPTU progressivo é muito importante que a Câmara regulamente, afinal de contas tem outros lugares que já fizeram e nós precisamos fazer. E isso determina uma mudança de visão de como é cuidar da cidade integrada, inteira, ou seja, quem tem imóvel de maior valor tem que pagar para quem não tem dinheiro nenhum, mora na periferia e passa a ser isento. Então, esse é um aspecto fundamental para o exercício da Cidade.

E por fim, apenas deixar aqui essa questão de que aqui no Rio de Janeiro nós precisamos avançar, não apenas com uma visão de que cultura é muito, de cultura é transversal, altruísmo, é transversal à saúde mental, ela é transversal ao desenvolvimento econômico, e transversal à habitação, é transversal ao desenvolvimento urbano, é uma transversalidade ilimitada, e que obviamente nós vamos trabalhar com esse conjunto de integrações, mas é claro que na gestão nós teremos algumas prioridades para realizar, senão nós vamos fazer um discurso maravilhoso e não vai acontecer nada.

Quando ele fala da Cidade do Samba esse equipamento não está ligado a cultura, está ligado a Riotur, que obviamente tem um planejamento para aquilo ali, e que nós vamos começar pelo Terreirão do Samba, e isso está adiantado no Plano Diretor, criar um distrito cultural da Praça Onze, esse é um anexo que nós vamos mandar para cá, porque a Praça Onze é a ligação das sagas com a Lapa, culturalmente precisamos religar o que a Presidente Vargas apartou.

Então, eu acho que há uma ação de integração que nos permita fazer a sinalização cultural da Cidade. É preciso dizer às pessoas que os cariocas precisam conhecer a sua Cidade. É preciso dizer às pessoas que os cariocas precisam conhecer a sua Cidade, não é somente o turista não, o carioca não conhece o Rio de Janeiro, não sabe o significado de algumas casas, não sabe nem onde morou o Pixinguinha. O carioca precisa conhecer o Rio de Janeiro, e isso é um papel que nós aqui precisamos construir, precisamos fazer.

Quero apenas dizer que na Lapa, já tem um projeto na Casa Civil criando um núcleo histórico cultural da Lapa como área própria de uma gestão especial que nós vamos fazer para além de tudo; a Lapa é uma economia doméstica, onde é que tem vaga, onde é que pára o ônibus, onde é que pára o táxi, inclusive, a criação do núcleo histórico cultural da Lapa que essa gestão vai criar.

Vereadora obrigada, estou a disposição para voltar na hora que vocês quiserem.

(Alguém fala fora do microfone)

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Só diga que não foi na minha gestão por favor, foi antes.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Desculpe.

Eu queria registrar a presença do Vereador Reimont, Vereador Elton Babú, pedir desculpas aqueles que estão aguardando; eu tenho esperanças de que até o fim da manhã todos possam falar, mas eu tenho também que respeitar o Secretário de Turismo que está aqui e o representante da área que está aqui também que estão querendo ouvir e se manifestar.

(Fala fora do microfone)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – É verdade, o senhor tem razão.

(Fala fora do microfone)

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Posso responder Vereadora?

Quero registrar que o piano não sumiu na minha gestão, parece que eu tirei o piano da escola, mas é importante essa informação que eu vou tentar apurar. Na verdade eu quero dizer que eu encontrei uma Secretaria de Cultura que não tem uma memória registrada nem no computador, a gente não sabe de nada do que aconteceu antes, sabe de ver, de ouvir falar. Então, não existe memória, não existe registro. Eu vou procurar esse piano, nós vamos contratar um detetive provavelmente, porque não tem registro de movimentação da Secretaria.

Nós encontramos vários equipamentos, inclusive o Teatro Ziembinski, com problema de estrutura gravíssimo, no Ziembinski está chovendo na plateia e no palco. Então, eu não posso colocar um espetáculo, porque se começar a chover as pessoas vão sair correndo, o artista do palco e os participantes da plateia.

O que nós fizemos? Estamos procurando construir uma obra emergencial para o teatro, mas ali nós temos um problema, o teatro é privado, o teatro é do ator Walmor Chagas, ele é alugado pela Prefeitura. Então, o que nós estamos tentando fazer é comprar o teatro, para que ele seja um teatro público de fato, para que a gente possa investir R\$ 400 mil numa obra naquele teatro, porque eu não posso colocar R\$ 400 mil num patrimônio privado, é uma coisa que a Legislação não me permite. Então, nós estamos tentando comprar o teatro, em vez de alugar, para poder investir dinheiro público num patrimônio público para que ele reabra para a sociedade daquela região.

E falando de infraestrutura, o Castelinho está caindo o telhado, o José Bonifácio está chovendo dentro. Encontramos equipamentos maravilhosos da Cidade todos com problemas graves de estrutura e nós estamos tentando conseguir recursos para poder fazer essas obras emergenciais.

É isso Vereadora, obrigada, e agora eu vou deixar vocês com o Secretário de Turismo, que tem muito o que dizer.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Eu queria dizer aqui que a contribuição ao Plano Diretor pode ser feita através do *site* www.comissaodoplanodiretor.com.br, a contribuição de vocês será extremamente importante.

Vereador Reimont, por favor.

O SR. VEREADOR REIMONT – Muito bom dia, Vereadora Aspásia Camargo, Vereador Renato Moura, Vereador Chiquinho Brazão, Secretária Jandira Feghali, Secretário de Turismo, senhoras e senhores.

Eu tenho toda segunda-feira, impreterivelmente, na Comissão de Educação e Cultura da Câmara de Vereadores, Comissão essa que eu presido, nós temos discutido muito a educação e a cultura da Cidade do Rio de Janeiro. Nesses últimos dias nós discutimos sobre as conferências, que é um tema importantíssimo para a Cidade do Rio de Janeiro, e eu não ouvi a fala inicial da Secretária, pois estava em outra reunião, mas eu vi as quatro últimas intervenções antes da última palavra da Secretária, ouvi atentamente ali sentado no fundo do Plenário, e eu apenas queria lembrar algumas coisas que são importantes para nós e até já recolocar, não sei se a Secretária colocou na fala inicial dela, mas ontem nós fizemos um contato com a Secretaria e hoje de manhã já recebemos uma resposta através do Pablo, Secretária Jandira Feghali, de que o prazo de inscrição para essas conferências, que se esgotariam no dia 30, foi adiado para o sábado, o que para nós é considerado um ganho por uma intervenção que a Comissão de Cultura ontem fez junto à Secretária e foi acolhida pela mesma, teve eco a nossa fala.

Eu queria só lembrar que uma das discussões que eu considero mais importantes que o Governo Federal tem proposto, é que aquilo que a Política Pública seja discutida pela sociedade como um todo. E aí nós tivemos já aqui no Rio de Janeiro a Conferência Municipal de Educação, a Conferência Municipal de Saúde, teremos a Conferência Municipal de Comunicação e a Conferência Municipal de Cultura e isto é o espaço de Debate que a sociedade não pode se eximir, a sociedade não pode deixar de participar. Os eixos para a Conferência de Cultura são esses que nós estamos falando aqui, produção simbólica de diversidade cultural e outro eixo, cultura, cidade e cidadania; cultura e desenvol-

vimento sustentável; cultura e economia criativa; gestão e institucionalidade da cultura.

Por que é que eu estou colocando isso? Porque esses eixos têm que ser discutidos mesmo pela sociedade e nós precisamos alardear, divulgar para todos os atores, todos os agentes que constroem e fazem cultura na Cidade, que a inscrição para as pré-conferências, que acontecerão nos dias 3, 4 e 17 de outubro, estão abertas e que a gente precisa se inscrever para que a sociedade num todo esteja lá representada.

Uma pré-conferência em Bangu, outra em Campinho, no Pechincha, no Andaraí, no Centro e em Copacabana. Todas elas no dia 3 de outubro. No dia 4 de outubro uma conferência em Campo Grande e Olaria. E no dia 17 de outubro uma pré-conferência no Centro e outra em Copacabana. As inscrições, que segundo o comunicado da Secretaria iam até o dia 30, ficam prorrogadas até o sábado próximo, portanto, até o dia 3 e não até o dia 30.

O que eu queria na verdade lembrar é que a gente precisa divulgar isso e eu estou pedindo à Suriema, que é da Comissão de Educação e Cultura da Câmara, que faça uma cópia desse documento e até o final da Audiência seja dada a cada um de vocês, para que vocês nos ajudem a fazer essa divulgação. É preciso que na pré-conferência municipal de cultura a sociedade esteja lá participando para a gente poder fazer cultura, ser parceiro da Secretaria, mas fazer cultura para além até daquilo que a Secretaria pensa, para que a gente possa na verdade aumentar esse potencial que a Secretaria tem e fazer esse caldeirão de cultura que é o Rio de Janeiro verdadeiramente acontecer nos diversos cantos.

Fala-se aqui de cinema, por exemplo, uma das demandas que eu tenho feito à Secretária, é sobre o Ziembinski. No domingo passado saiu uma nota no jornal inclusive sobre isso que a Secretária falou, a gente está acompanhando de perto. A Tijuca precisa ter o Ziembinski restabelecido. Conversamos com a Secretaria sobre o cinema, por exemplo, o Cine Guaraci em Rocha Miranda, quem não o conhece, o histórico que precisa ser revigorado e etc. Então, acho que tudo isso é assunto que deve ser discutido nas pré-conferências e, portanto, a gente vai passar para vocês aí os caminhos para se fazer a inscrição.

Muito obrigado, Secretário e Mesa.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – Vereadora Aspásia Camargo, posso só rapidamente falar do...

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Dois segundos, um segundo.

A SRA. SECRETÁRIA JANDIRA FEGHALI – É só o seguinte. Essa conferência vai ser a primeira conferência de cultura da Cidade. Quero agradecer o Vereador Reimont por ter sido um grande parceiro nosso nesse trabalho de mobilização e divulga-

ção. É uma pessoa dedicada, tem amor pelo tema, e isso é muito importante porque cultura a gente tem que ter amor senão a gente não faz.

E dizer que na verdade que nós montamos 10 reuniões preparatórias por linguagem, que já foram feitas, e montamos 11 pré-conferências pelos bairros, a partir das seis Subprefeituras, quatro na Zona Oeste, três na Zona Norte, duas na Zona Sul, duas no Centro, incluindo Paquetá. Para quê? Para que exatamente fluam dali as ideias porque essas conferências deliberam, não são só para consulta, elas deliberam.

Então, essa questão da inscrição, eu só quero reforçar o seguinte. Nós temos limitado para ter ideia do número de pessoas porque temos estrutura de alimentação e uma série de coisas. Mas nós prorrogamos não é só até o sábado, não, Vereador Reimont, é até a data da pré-conferência. Sábado é para a do dia 3. No dia 4 pode se inscrever para a do dia 4 e dia 17 pode se inscrever para a do dia 17. Nós reabrimos o seguinte. As inscrições para a conferência que é no *site* da Prefeitura, da Secretaria, vão até a data da realização da pré-conferência. A do dia 3 até o dia 3, a do dia 4 até aquele dia, e a do dia 17 até o dia 17.

E a Plenária final vai ser no prédio do Estádio Capanema, nos dias 24 e 25 de outubro.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Nós queremos também aprofundar essa discussão do Plano Diretor, precisamos que os objetivos e as diretrizes sejam muito fortes para que nós possamos dar à cultura realmente uma prioridade maior do que ela tem tido até porque faltam recursos, como a Secretária muito bem mencionou aqui hoje. Obrigada, Secretária Jandira.

É muito triste a gente cortar as reuniões porque houve uma presença aqui maciça de muitas pessoas importantes, de alunos do Senac, temos aqui também muitas pessoas da área de turismo, a Dione dos jovens da Serrinha, que é um projeto muito bonito e interessante nessa Cidade, tivemos aqui também um poeta de Magalhães Bastos, Ozarias José Correa, temos um representante da Lona Cultural, Marco Andrade, que queria falar sobre os sérios problemas que a Lona tem, o Thomas Márcio, que é morador do Morro da Conceição, aliás temos um documento que está em discussão aqui com o Morro da Conceição para consolidar um Projeto do Porto Maravilha, que seja inclusivo do ponto de vista das comunidades que estão ali no entorno; Paulo Pontes, arquiteto do Vilamar; Maria Constância Carvalho, Presidente da BO, que agora vai ter oportunidade de estar aqui conosco para discutir o turismo.

Então, eu chamaria aqui à Mesa, além do Secretário Antonio Pedro, eu queria chamar aqui também o Secretário Especial de Turismo, Antonio Pedro e o Sr. Subsecretário Pedro Augusto

Correa Neto e o Sr. Vice-Presidente da Empresa de Turismo do Município, José Carlos Ferreira de Sá, nosso querido Caleco.

Mas eu queria também chamar aqui o Gerard Jean Bourgeaiseau para que pudesse participar da Mesa conosco, representando os hotéis e Maria Constância também se quiser nos dar a honra de estar aqui conosco.

Então, eu passo a palavra ao Secretário e peço que seja sucinto, mas não tão sucinto que não nos diga que o turismo vai ter uma tremenda transformação nessa Cidade e que nós vamos sair de um turismo tradicional, um turismo que é uma velha vocação dessa Cidade para um turismo de serviços modernos como a cidade mais preparada para receber essas pessoas e que também esteja preparado para o turismo interno. Não só o turismo das outras cidades, mas até mesmo dos bairros do Rio de Janeiro, que às vezes não participam desse processo.

Então, eu passo a palavra ao Sr. Antonio Pedro, querido amigo.

O SR. SECRETÁRIO ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Obrigado, Vereadora Aspásia Camargo, que tem realmente dado um *show* aqui nesse Plano Diretor. Quero cumprimentar o meu amigo Vereador Chiquinho Brazão, Vereador Renato Moura, Vereador Reimont, Vereador Elton Babu, quem não sei se está presente na sala. Quero cumprimentar também alguns parceiros do *trade*. Há pouco vi aqui o Fernando Vila Pouca, da Delegacia de Apoio aos Turistas, estou vendo alguns amigos do TurisRio, com quem eu tive a honra e o prazer de trabalhar como diretor de operações e depois como Subsecretário de Turismo do Estado, meu amigo Gerard Jean, representando a hotelaria, Marcelo Siqueira, estou vendo ele ali, nosso antigo Presidente da Riotur, Perfeito Fortuna aqui na frente, com quem eu tive a honra de já estar imaginando grandes coisas para esse Carnaval, como o concurso de marchinhas, que eu acho que tem tudo para dar certo, inclusive já estou com uma parceria boa para ter dizer depois. Deixa eu ver se esqueci alguém. Todos os outros presentes, pessoas ligadas ao turismo e ao *trade*, tem algumas pessoas aqui como a Edna, a Diva, não é da Faetec, é do Senac. Os alunos de turismo presentes.

Vamos pedir para colocar a nossa apresentação. Eu fiz uma apresentação breve para falar um pouco desse Plano Diretor.

Vereadora Aspásia Camargo, quando apresentamos o nosso Plano Diretor de Turismo algumas pessoas vieram me perguntar por que o Plano Diretor de Turismo se resumia a duas folhas. Ele se resume a duas folhas porque não precisamos ficar inventando coisas para botar no papel, quando as coisas são tão simples de se dizer e os objetivos são claros, apesar de complexos dentro de cada artigo. Dizemos aqui, por exemplo, “promover atividade turística para o desenvolvimento econômico do Município”. Isso abrange uma série de coisas e não precisamos ficar destrinchan-

do para encher papel, para dizer que nós apresentamos um belo Plano Diretor de Turismo, e sim dizer o que estamos querendo fazer.

Então, vou rapidamente colocar os objetivos: qualificar e expandir a infraestrutura do turismo, promover o turismo para o desenvolvimento econômico da cidade, monitorar, valorizar e proteger o patrimônio cultural e turístico. É importante a integração da Secretaria de Cultura com a Secretaria de Turismo do Município e também hoje em dia podemos comemorar um ótimo relacionamento com o Estado e com o Governo Federal, para podermos trabalhar juntos nessas áreas.

Compatibilizar atividades turísticas com a proteção do meio ambiente, consolidar a marca Rio – eu vi aqui que foi falado da Cidade do Rio de Janeiro como a cidade mais feliz do mundo, eleita recentemente pela Forbes. E também recentemente fomos eleitos o povo, através do estudo de uma universidade de Michigan, que melhor recebe no mundo. Então, tudo isso faz parte da marca Rio. Consolidar essa marca Rio é trazer produtos que agreguem, porque já temos muita coisa para denegrir a nossa imagem. Quando acontece um ato de violência ou um assalto, isso denigre a nossa imagem. Ao mesmo tempo, quando estamos disputando uma Olimpíada, sediando uma Copa do Mundo, numa cidade considerada a mais feliz do mundo, agora também estamos disputando o melhor destino gay do mundo. Todas essas coisas vão somar para fazer essa marca Rio de Janeiro, o que é essa palavra Rio de Janeiro na cabeça dos cidadãos do mundo inteiro.

Capacitar e qualificar a mão de obra. Isso é muito importante e está dentro do nosso objetivo. Temos pela frente uma Copa do Mundo, jogos militares, uma Olimpíada, se Deus quiser, e se não tivermos qualificação de mão de obra, se continuarmos achando que o Rio de Janeiro tem esse jeito malandro de ser, o jeitinho carioca, que é muito bom para algumas coisas, mas na hora de serviço sério, da prestação de serviço, da qualificação, é importante ter mão de obra qualificada e séria trabalhando para atender os turistas nacionais e do mundo inteiro.

Incrementar o calendário de eventos da cidade. Isso é uma coisa que a Riotur vem fazendo. Temos um novo modelo instalado na Secretaria de Turismo, onde o Secretário de Turismo e o Presidente da Riotur acumulam as duas funções. A Subsecretaria de Eventos, que existia, não existe mais. Hoje em dia os grandes eventos da cidade estão ligados à Riotur. Nós, inclusive, faremos na próxima sexta-feira um grande *show* na Praia de Copacabana e espero desde já contar com a participação de todos, vestidos de verde e amarelo, para mostrar a vontade de sediar essa Olimpíada.

Incentivar a instalação da indústria hoteleira e dos demais meios de hospedagem. Recentemente no relatório do Comitê Olímpico Internacional vimos que o Rio de Janeiro deixa ainda

muito a desejar na questão das acomodações e nós precisaremos, para sediar a Olimpíada aqui no Rio, de navios hoteleiros. Não é impossível, pois inclusive nos Jogos Olímpicos da Grécia também foi adotado o mesmo modelo, mas a nossa indústria hoteleira precisa de desenvolvimento, precisa se adequar aos padrões internacionais. Temos muitos hotéis quatro ou três estrelas que não deveriam ter recebido nenhuma estrela. Temos hotéis duas ou três estrelas que não deveriam estar com nenhuma estrela. Então, qualificar e expandir essa rede hoteleira é uma função não só da Secretaria de Turismo, mas também, Vereadora, da Câmara de Vereadores. Os senhores têm uma importância fundamental nisso, tentar que a nossa rede hoteleira cresça, mas também sem criar um problema, como o que aconteceu em São Paulo, que ficou com uma rede hoteleira muito grande e ociosa. Temos que saber medir isso para não fazermos hotéis apenas para um grande evento mas que depois tenham grande ociosidade.

Ampliar o tempo de permanência do turista na cidade. Essa é sempre a nossa meta. Além de trazer mais turistas, é importantíssimo fazer com que eles fiquem mais tempo.

Estabelecer roteiros dentro do Rio de Janeiro. Isso é mais uma parceria da Secretaria de Turismo do Município com a Secretaria de Turismo do Estado. Não adianta trazer o turista para o Rio de Janeiro e depois ele ir para Salvador ou para a Serra Gaúcha, Gramado. Aqui, ao lado do Rio de Janeiro, temos Búzios, Angra dos Reis, Parati, Serra Verde Imperial e tantos outros destinos de excelência para mantermos o nosso turista aqui no Rio de Janeiro – e bem pertinho. A uma hora ou uma hora e meia de distância, ele estará em lugares maravilhosos e perto da nossa cidade.

Promover o Rio como destino turístico no Brasil e no exterior. Nós estabelecemos aí oito diretrizes, que eu vou listar.

Parcerias com a iniciativa privada para o desenvolvimento de novos projetos de promoção do produto Rio – esse produto, com eu disse antes, também está dentro da marca Rio – de infraestrutura e de melhorias dos equipamentos turísticos, além de potencializar os já existentes. Parceria com os demais organismos do governo, visando à otimização da atividade turística. Redução de custos. Melhor coordenação do espaço urbano. Condições mais favoráveis à visitação turística. Criação de novos produtos turísticos com serviços de padrão internacional. Apoiar o Projeto Porto Maravilha como forma de incentivar a atividade de cruzeiros marítimos e criar um ambiente de lazer, cultura e entretenimento do turismo na região. Eu acho que nesse quesito do Porto Maravilha e da atividade dos cruzeiros, nós temos um diferencial, que é um salto que o Rio de Janeiro conseguiu dar nos últimos anos, de um acréscimo de mais de 400% dessa indústria em 10 anos. O Pedro Guimarães, que hoje é o meu Subsecretário, eu o conheci trabalhando para o turismo da nossa cidade. Ele era gerente do Píer Mauá e eu o convidei, tendo em vista a impor-

tância de cruzeiros marítimos, uma área que ele conhece bem. E também para a área da revitalização do Porto, porque ele domina bem todo aquele espaço. Criar ambiente de lazer, cultura, entretenimento e turismo na região.

Eu estou muito devagar? Eu tenho que acelerar? Quanto tempo eu tenho?

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – É um tempo curto.

O SR. SECRETÁRIO ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Vamos lá, porque o importante é listarmos aqui essas diretrizes: estruturar os corredores turísticos com transportes adequados e a criação de um cinturão de segurança na sua extensão. Então, isso é fundamental para o turismo. Sabemos que a cidade tem problemas, mas na parte de turismo não podemos enfrentar esses problemas como vínhamos enfrentando. Desde a entrada do Governador Sérgio Cabral tem havido um grande enfrentamento na área de Copacabana, as áreas turísticas recebendo uma atenção especial. Está aí o Bittencourt à frente dessa missão, sempre precisando de mais recursos. Aliás, sobre recursos, todos que vêm aqui devem falar a mesma coisa, mas temos que usar a criatividade, usar os instrumentos que temos. E também juntar forças. A Secretaria de Ordem Pública tem juntado forças com a Secretaria de Segurança Pública. Hoje mesmo o Rodrigo Bethlem está lá em Copacabana, fazendo um grande choque de ordem, tendo em vista a importância do bairro dentro do fator político da cidade.

Ações de marketing voltadas para segmentos específicos. Temos no turismo diversos segmentos: segmento da terceira idade, turismo de aventura. Agora mesmo, ali no Parque da Catacumba, temos um novo equipamento, um equipamento que foi adquirido pela Secretaria de Turismo e que está sendo operado pela Secretaria de Meio Ambiente. Foi feita uma licitação e nós vamos ter arborismo ali, em breve. Daqui a um mês vamos ter esse tipo de atração na Catacumba, como exemplo para outros lugares. Além do turismo gay, também, pela primeira vez. É impressionante, Vereadora. Eu achei que a Secretaria trabalhava alguma coisa para esse segmento mas não tinha material, não tinha nada. Em São Paulo, na última Parada Gay, os hotéis ficaram todos lotados, a cidade toda lotada. Então, é um segmento em que nós atuamos. Algumas pessoas brincam: “Ah, você vai trabalhar com esse segmento?” Eu não tenho problema nenhum em trabalhar com esse segmento. É um segmento que gera diversas divisas. É um turismo que tem condições de viajar e gasta bem também. Então, gera mais empregos, deixando mais divisas aqui para a nossa cidade.

Busca de alternativas e incentivos para expansão dos meios de hospedagem da cidade.

Definição de áreas turísticas prioritárias para ações de melhoria e ofertas dos serviços. Então, nós criamos, dentro da Secretaria, três polos: Polo Rio Antigo, Polo Litoral e Polo Ambiental.

Fortalecimento do calendário, com captação e promoção de eventos nacionais e internacionais. Dentro da parte de captação de recursos, sabemos que o orçamento é apertado. Precisamos entender porque esse orçamento é apertado. Não é simplesmente porque o Prefeito gostaria de investir mais aqui e ali, mas sabemos que existem demandas fortes, principalmente em educação, que acho que é a principal. Eu sempre falo o seguinte: para termos uma cidade boa para o turista, precisamos ter primeiro uma cidade boa para os seus habitantes. Não adianta querer vender uma cidade para o turista que nós mesmos não temos. O Prefeito Eduardo Paes tem isso em mente, tem trabalhado nisso. E a Secretaria de Ordem Pública é um exemplo, também, da atuação do trabalho, porque, no final das contas, tudo envolve o turismo. A limpeza pública envolve o turismo, a ordem pública envolve o turismo. Estão quase todos os segmentos ligados ao turismo dentro da Secretaria. Temos trabalhado com convênios e parcerias, com o Ministério do Turismo, com uma ótima relação, junto com a Embratur também, com o BID. Agora, conseguimos fazer o Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, com US\$ 380 milhões, que estamos trazendo para a cidade, para o Porto Maravilha. Emendas parlamentares também. Temos trabalhado em Brasília, diante de grandes dificuldades. Todos sabem que a nossa bancada do Rio não é tão unida como deveria ser, haja vista a Bahia, que dá um show nisso, principalmente na questão do turismo. Temos vários aliados, até aliados de oposição, que são do PSDB. Temos o Otávio Leite, que já foi Vereador desta Casa, agora é Deputado Federal, que está sempre à frente, buscando trabalhar para o turismo. E para a iniciativa privada, temos todo o nosso material novo, esse material que eu acabei de encaminhar aos Vereadores, e que vamos mostrar, no final, no vídeo, e que também foi feito para a iniciativa privada. Então, estamos sempre em busca de parcerias para que isso seja feito.

Para atendimento ao turista, estamos criando um novo posto, na Lapa. Será na Rua do Lavradio, 110, um prédio tombado, que será reformado pela Secretaria de Habitação para ser instalado ali um posto de atendimento ao turista.

Vamos ter, também, um novo posto no Hotel Paineiras. O Hotel Paineiras tem um projeto belíssimo agora. Foi aberto um Edital do IAB, o hotel terá hospedagem, restaurantes, lojas e centro de convenções. Eu tenho uma paixão, a Vereadora sabe disso, pela área do Parque Nacional da Tijuca. Fui diretor do Parque Nacional da Tijuca, na época da instalação dos elevadores e escadas rolantes do Cristo. Então, é uma área pela qual eu tenho um carinho especial, além de saber que os maiores equipamentos

turísticos da nossa cidade – a Vista Chinesa, a Mesa do Imperador, a Floresta da Tijuca – estão dentro do Parque Nacional da Tijuca, além do próprio Cristo Redentor. Muita gente nem sabe disso, nem faz ideia que o Cristo fica dentro do Parque Nacional da Tijuca.

Reforma dos postos de informação aos turistas do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro e da Rodoviária Novo Rio. Para essa reforma já estamos com os projetos. Estamos fechando agora uma parceria com o próprio Aeroporto, para a sua implantação. Eles estão, agora, neste momento, em obras. Todos sabem da realidade do nosso Aeroporto, esperamos que ele venha melhorar. Estão fazendo um trabalho para isso, tem investimento para isso. Vamos ver como é que vai ficar. E nós pretendemos colocar um posto de informação lá à altura do que o Aeroporto do Rio de Janeiro merece.

Criação de novos postos na Orla da cidade. Nós já estamos com um quiosque separado em Copacabana para a instalação do posto. Não faz sentido, no lugar de maior visitação da cidade, ter um posto na Avenida Princesa Isabel, mas não ter um na orla da praia. Então, vamos pegar um daqueles quiosques maravilhosos e instalar ali um posto de informação. É uma necessidade da Cidade do Rio de Janeiro.

Criação do posto turístico de Santa Teresa. Algumas pessoas acompanharam quando o cinema de Santa Teresa voltou, no fim de um governo para outro e desativaram o posto de informação de Santa Teresa. Houve uma briga grande com o cinema de Santa Teresa. Nós conseguimos fazer com que eles se entendessem e o posto de Santa Teresa está lá, de volta.

Aquisição de posto móvel de informação ao turista. Temos um projeto, apresentado agora do Ministério do Turismo, para vans de atendimento ao turismo, como a Polícia Militar tem, para quando houver um grande evento, instalarmos postos de informação turística móveis para atender à população.

Na qualificação profissional, estão em andamento cursos de qualificação em atendimento, em convênio com o Ministério do Turismo, para profissionais nas áreas de: hotelaria, bares, restaurantes e quiosques, transportes, segurança pública, comércio, agentes de viagens e guias. Temos esse convênio e também verba própria da Secretaria, que está saindo agora, para a formação de mão de obra para bares e restaurantes. É uma área pela qual eu tenho um carinho especial. Eu venho desse setor. Eu era dono da rede de botequim informal da Cidade do Rio. Então, eu sei da importância daquele profissional de frente, da necessidade que ele tem de saber falar com aquele público. Está aqui a nossa Dir-célia, a nossa diretora que cuida dessa área toda da Secretaria de Turismo, da Riotur.

Vou concluir, para não demorar muito, falando um pouquinho do Polo Rio Antigo. O Polo Rio Antigo é o Centro, a Área Portuária, Santa Teresa e Lapa. O Polo Litoral é a Zona Sul, Barra

da Tijuca e Pedra de Guaratiba. E o Polo Natural é o Parque Nacional da Tijuca, Jardim Botânico e Ilhas Cagarras. Quero passar aqui também o que nós temos feito nesses nove meses de governo, quase 10 meses de governo.

Nós conseguimos manter a Feira da Abav por mais quatro anos na Cidade do Rio de Janeiro. A Feira da Abav há dois anos vem ameaçando sair da cidade. É uma feira importantíssima. Tantas feiras importantes o Rio de Janeiro perdeu nos últimos tempos. Então, o Governo do Estado e a Prefeitura se uniram, fizeram um convênio e a Feira da Abav está mantida na Cidade do Rio de Janeiro. Estamos trabalhando também para abri-la mais aos estudantes que têm interesse em frequentar a Feira da Gávea e saber um pouco mais o que se passa nessa feira, que é voltada para o pessoal de turismo. Nós fizemos esse novo material, fortalecimento da PPEZ como palco de grandes eventos. Vários shows foram feitos lá na PPEZ nesses últimos 10 meses de governo. Então, nesse final de semana mesmo estava lá o Zeca Pagodinho com “Conexão do Samba”; tivemos o Elton John, enfim, shows internacionais e shows nacionais. O lançamento do nosso novo site é www.rio guiaoficial.com.br que também estamos terminando agora em inglês. Era uma demanda antiga do setor para as pessoas poderem saber com antecedência o que vai se passar na cidade, não só o turista que nos visita como também o próprio setor hoteleiro.

Então, hoje temos isso *on line* e as pessoas podem ir ali, o *site* é atualizado constantemente, passando sempre o que está acontecendo. Está aqui a nossa diretora de marketing, que é responsável por esse projeto junto com os profissionais da área de assessoria de imprensa, a Glória, que está ali atrás; está também o nosso Américo, da área financeira da Riotur, a Ana Cristina, enfim, vários parceiros da Secretaria de Turismo da Riotur que vêm trabalhando com bastante afinco. Pouco dinheiro no bolso, mas muita vontade de realizar, Vereadora. Qualificação profissional, como falei, a Licitação do Carnaval, que está aí para sair, inclusive com os blocos de Carnaval, pela primeira vez. A Prefeitura entrou na questão dos blocos de Carnaval este ano, com muita dificuldade, porque os blocos já estavam todos liberados, sem ninguém saber quantos blocos havia de fato na cidade. Fizemos um decreto novo, para conhecermos a questão dos blocos. Conseguimos cadastrar 490 blocos de Carnaval para este ano na Cidade do Rio de Janeiro, ou seja, o número que saía anteriormente era na faixa de 120. Só esse ano já temos mais de 400 blocos aí na rua. Não é bloco novo, é bloco que já existia, mas que agora vamos monitorar e entrar com a CET-Rio, com a Guarda Municipal, com a Comlurb, enfim, com os serviços da Prefeitura.

Eu vou terminar, senão a Vereadora vai achar que estou acabando com o tempo dela. Uma outra grande demanda do setor, para termos sempre um produto no meio do ano, já que temos

tantos produtos importantes na cidade de eventos no final de ano, como a Árvore de Natal da Lagoa, o Réveillon ou Carnaval, nomeio do ano que vem vamos sediar o Fifa Fantástico, passando o que estará acontecendo na África do Sul, aqui no Rio, em Copacabana. Vamos reproduzir o Maracanã na Praia de Copacabana. Será um grande evento de um mês no Rio de Janeiro, com palco de grandes eventos passando os jogos para a população, tudo gratuito, com área de alimentação, área de segurança, enfim, uma grande honra ter agora Zurich para nós apresentarmos esse projeto. Foram cinco cidades no mundo escolhidas e o Rio de Janeiro é uma delas. Então, no meio do ano em curso já temos calendário para o meio do ano que vem.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Bem, só para duas questões. Uma é que nós vamos sediar as Olimpíadas – esperamos. Estamos com o coração batendo, esperando o resultado da sexta-feira, mas, independentemente das Olimpíadas, já temos outros grandes eventos internacionais e esses eventos exigem que a cidade esteja capacitada a responder pelas exigências e as necessidades que teremos que cumprir. Então, a minha pergunta é se existem recursos, pois o desafio é muito grande, porque tudo que representar renovação da cidade, da infraestrutura, custa dinheiro. Então, nós vamos ter que ter esses recursos para montar a infraestrutura, mas existe também um problema especial, que é o problema dos hotéis. Nós temos sempre a dúvida. Ora parece que está tudo bem, que o número de pessoas esperado é capaz de ser absorvido pelas redes existentes, vamos colocar barcos passeando pela baía e etc. Mas ora sentimos que poderá haver grande demanda, que haverá necessidade de uma rede hoteleira mais robusta. E onde será isso?

Espero que nós possamos ouvir daqui a pouco o senhor falar sobre isso e gostaria de ter a sua resposta, porque acho que é uma questão crucial e a Câmara terá certamente um papel importante, caso tenhamos que pensar nessa nova infraestrutura.

E voltando à questão do Plano Diretor, eu queria fazer uma observação. Eu acho que faltou nos objetivos, Secretário, alguma coisa assim: diversificar os espaços e os roteiros de atratividade de nossa cidade, tornando-os mais acessíveis e bem conservados e tratando de divulgá-los adequadamente, porque parece que toda essa cadeia de problemas é muito mal respondida. Em primeiro lugar, a cidade tem enorme espaço de atratividade que ela não usa; nem nós usamos, e muito menos os que vêm de fora. Os que passam por aqui rapidamente não conhecem e ninguém sabe como conduzi-los até lá. Então, eu acho que essa institucionalização dos espaços, inclusive Zona Oeste, tem muita coisa aí que podia ser aproveitada e que não foi. E logicamente a questão também da acessibilidade, porque mesmo para uma pessoa que é do Rio de Janeiro, é muito difícil se locomover no Rio de Janeiro. Nós não sabemos para onde está indo, arriscamos até provo-

car um acidente, porque as bifurcações das autoestradas são precárias, mal sinalizadas. A sinalização da cidade é péssima. Aliás, os ônibus, também, devem sofrer uma transformação, pois ninguém sabe para aonde esses ônibus vão, nem mesmo os próprios cariocas. Então, eu pensei que seria importante que esse investimento existisse.

E a outra questão que tenho ouvido muito insistentemente das pessoas da área é a necessidade de que as pessoas que trabalham na área do turismo tenham que aprender inglês. Isso já está sendo dito na área de *Call center*, na área do Rio Digital, mas acho que também na área do turismo é importante que a nossa população, aqueles que estão envolvidos, inclusive, na área da cultura, como guias turísticos e etc., que aprendam a falar inglês e que também a nossa indústria cultural aprenda a usar o inglês como uma língua de comunicação com os nossos visitantes.

A última questão é a seguinte: nós perdemos terreno na área de turismo. Embora essa vocação seja natural, como a cultura, nós perdemos muito terreno. Acho até – não sei se os Vereadores concordam – que nós somos distraídos. Nós somos tão bonitos, tão maravilhosos, todo mundo acha que nós somos tão espetaculares. E para que se esforçar, para que criar uma infraestrutura organizada? Para quê? Para que ser como os nordestinos estão sendo – profissionais? Então a pergunta é a seguinte: Plano Diretor – nós precisamos colocar nesse Plano Diretor o profissionalismo, quer dizer, nós temos que trabalhar sério, na cultura, também. Parar de achar que essas duas vocações são vocações naturais que caminham sozinhas, e profissionalizar, especificar, burlar, aperfeiçoar o que nós já construímos.

Então, esse é o desafio que deixo aqui. Mas acho que poderia ser completado justamente pela explicação maior sobre a rede de hotéis e as necessidades que serão eventualmente impostas com os grandes eventos que a cidade vai receber.

O SR. GÉRARD R. JEAN BOURGÉAISEAU – Primeiro, queria parabenizar a Vereadora Aspásia Camargo pela iniciativa, porque é importante falarmos sobre turismo. Como V. Exa. colocou, é uma vocação natural do Rio de Janeiro, mas precisamos trabalhar para isso realmente. E o Secretário Antonio Pedro apresentou um Plano Diretor de Turismo excelente. Eu acho que atende a todas as necessidades da indústria do turismo. Está no caminho certo. E vai enfrentar gradativamente o que é importante, ele tem que conversar muito com a indústria do turismo, com quem tem tido um grande diálogo. Ele já trabalhou na Turismo Rio antes, então, já vinha com uma experiência. Agora, é preciso um grande entendimento com todos os setores do turismo na Cidade do Rio de Janeiro. Só que, em hotelaria, temos de tomar cuidado de não cair no que aconteceu em São Paulo há mais ou menos 20 anos, quando flexibilizaram demais e a oferta foi tão grande, que nós não tivemos nenhuma receita. A indústria penou

durante 15 anos. Só agora que a tarifa média, a diária média, em São Paulo, está começando a se equilibrar, mas durante 15 anos sofreu. Então, temos de ter uma certa flexibilização para poder construir novos hotéis. A rede Windsor vai construir mais 1.830 apartamentos, com cinco hotéis, nos próximos anos. Outros, com certeza, também querem. Mas precisamos algumas flexibilizações, sem exagerar.

Por outro lado, o BNDES e o Ministério do Turismo estão estudando conceder maior financiamento, porque, hoje em dia, os financiamentos existentes não atendem às necessidades da iniciativa privada. Então, é necessário também que haja o esforço desse lado, para fazermos mais empreendimentos.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Muito obrigada.

O SR. SECRETÁRIO ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Vereadora, só para complementar essa questão da hotelaria, que acho fundamental, a Câmara de Vereadores vai ter um trabalho muito importante nesse sentido. Acho que o Sérgio Dias, nosso Secretário de Urbanismo, já vem conversando com os Vereadores, criamos um grupo de trabalho interno para tratar dessa questão da rede hoteleira. É fundamental que a Câmara de Vereadores olhe isso com bons olhos, caso contrário não vamos conseguir crescer. Temos que ter um crescimento saudável, que olhe para o meio ambiente, mas precisamos crescer. E eu sei da ligação com o meio ambiente, a sra. sabe da minha, também.

Então, quando nós pensarmos em alguma coisa para a Cidade do Rio de Janeiro, de maneira a flexibilizar a Legislação e ter condições de criar nova rede hoteleira, vamos fazer isso com o maior cuidado do mundo, porque aquele atrativo natural, principalmente ali na Região da Barra da Tijuca é, na verdade, o nosso ponto alto, o nosso ponto forte. E nós não podemos perder aquilo.

E lembrar também que toda a área ociosa e vazia da Cidade tem sido ocupada de maneira desordenada ao longo dos últimos 40 anos. Então, nós não podemos deixar isso acontecer. Isso denigre a nossa imagem. Perdemos oportunidades de crescimento. Então, essa questão de hotelaria, peço para vir aqui mais vezes falar sobre isso, para conseguirmos a atenção da Câmara de Vereadores na hora de flexibilizar essa Legislação para poder receber esses grandes eventos e ter uma indústria hoteleira mais competitiva.

A Rede Windsor pegou há pouco o Hotel Meridien, hotel que era exemplo, que todo mundo conhece e que quase foi parar nas mãos da Vale do Rio Doce. E nós não íamos aceitar isso. Tivemos uma conversa dura com a Previ, mas ao mesmo tempo uma

conversa em que eles entenderam o nosso ponto de vista e, automaticamente, mudaram o foco.

Estamos trabalhando também em relação ao Hotel Nacional. É complexo o assunto lá. A primeira coisa que coloquei, quando cheguei, foi uma nota nos jornais, dizendo que estávamos tratando do assunto, exatamente para começar a fomentar o burburinho todo. Foi muito bom. Temos trabalhado junto aos credores do Hotel Nacional, conversando com a Secretaria de Urbanismo, conversando com a indústria hoteleira, para resolver aquele imbróglio. Então, essa questão hoteleira realmente nos preocupa, por isso pedimos o carinho necessário e a atenção necessária da Câmara de Vereadores nesse sentido.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada. Com a palavra o Vereador Chiquinho Brazão.

O SR. VEREADOR CHIQUINHO BRAZÃO – Bom dia, Sra. Presidente da Comissão, Vereadora Aspásia Camargo, Secretário e os demais aqui presentes.

Bom, é muito difícil ficar sentado aqui na Mesa, sem falar, pelo menos para mim. Na última Audiência Pública a que estive presente, decidimos atendendo ao manifesto de uns presentes, ouvir e tentar captar o sentimento da população e materializar isso, depois, no Plano Diretor. Isso é realmente muito importante para fazer com que as pessoas que vêm aqui nos possam passar o que de fato acontece.

Estamos vivendo um momento muito bom. Eu diria que o nosso novo Prefeito, Eduardo Paes, tem se mostrado muito parceiro, inclusive, da Câmara, em todos os sentidos. Sobre o Plano Diretor, ele tem se colocado, sempre, da melhor forma para atender as necessidades, não para fazer com que o Plano se realize somente, pois a coisa pode não acontecer. Você, muitas vezes, faz com que o Plano vá para o papel, mas não vá para a prática. Então, é importante essa harmonia entre o Executivo e o Legislativo, para que a gente possa, aqui, trabalhar o Plano e aprovar e o Prefeito possa colocá-lo em prática. E todos nós ganhamos com isso.

Até evitei falar, porque estou, aqui, com vontade de falar, mas quando começo a falar, acabo atrapalhando.

Então, era isso, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Sua manifestação é sempre muito bem vinda, importante. A Casa está acompanhando esse Plano e trabalhando por ele com muita intensidade. Devo dizer que Vossa Excelência é o mais entusiástico, o mais presente e o que tem uma contribuição maior a dar em todo esse processo.

Então, queria abrir a palavra e passar a Tribuna, a Dyonne Boy, Jongo da Serrinha, inclusive com a alegria de saber que vamos fazer a ponte entre a cultura e o turismo.

Queremos o mapa da Cidade mais recheado, menos confinado, porque o turismo, em geral, limita-se à praia e adjacências. Queremos que essa cadeia do turismo e da cultura se estenda por toda a Cidade. E ver as coisas bonitas e interessantes que tem para oferecer, históricas inclusive.

Por favor, Dyonne.

A SRA. DYONNE BOY – Boa tarde. Sou Coordenadora Executiva do Jongo da Serrinha, que é uma das instituições de cultura mais importantes do País. O Jongo foi tombado em 2005, a pedido nosso ao Iphan. E o Jongo foi tombado com primeiro bem imaterial do Estado do Rio. Ele é considerado o ritmo pai do samba. E isso faz na Serrinha, que é o único lugar do Rio de Janeiro que ainda pratica o samba, o Jongo, que mantém o seu núcleo tradicional, original, vivo, um dos polos de cultura mais importantes da Cidade do Rio e da Zona Norte. A Serrinha é em Madureira, que é um dos polos de cultura mais importantes da Cidade do Rio, e que é muito carente de infraestrutura para receber os turistas, que a gente já recebe espontaneamente na Serrinha. Muita gente vem da Dinamarca, de Pernambuco, da Bahia, de todos os lugares, interessada nas origens do samba, que é tão famoso mundialmente. E o longo é o pai do samba. Então, há 10 anos funciona na Serrinha como uma ONG. O Jongo já existe na Serrinha há 100 anos, que é a idade da Serrinha, que é uma das primeiras favelas da Cidade, como a Mangueira, como o Estácio, que são favelas centenárias da Cidade, que são verdadeiros berços de cultura e preservam muitos patrimônios imateriais do Rio de Janeiro, que hoje estão sendo muito valorizados.

A gente já movimenta espontaneamente uma cadeia produtiva muito grande dentro da Serrinha, que vive uma informalidade, mas que pode ser fomentada em parceria com o Poder Público.

Então, há 10 anos que a gente funciona como uma ONG. Somos uma escola, a Escola de Jongo, e somos um polo de cultura. Recebemos vários turistas e fazemos vários eventos na comunidade e fora da comunidade.

Porém, agora estamos com um problema de sede. A nossa sede foi invadida pela Polícia, no final do ano passado, e a nossa escola foi toda quebrada, porque a nossa sede fica no alto do morro. Então, a gente perdeu a nossa sede. Estamos funcionando atualmente em uma pequena casa alugada, de dois quartos. Existe, na comunidade, uma casa enorme, do lado de uma escola pública, que é uma Escola do Amanhã. Essa Casa pertenceu à massa falida da Capemi e tem uma dívida muita alta de IPTU. Ou seja, a Prefeitura poderia adjudicar esse imóvel e nos ceder esse imóvel e nós, que já temos o patrocínio da Petrobras, do Criança Esperança e da Avon, poderíamos, junto com o Poder

Público, fazer um polo, que é a nossa Casa do Jongo o que queremos fazer, um polo de cultura com infraestrutura, com museu permanente, com acervo, com exposição permanente, com cinema e com sala de teatro. E poderíamos fazer esse projeto em parceria com o BNDES também, que só faria essa reforma para nós, se esse prédio fosse nosso. Hoje, esse prédio foi a leilão. Mas acredito que não tenha comprador, porque foi superestimado, tem uma dívida muito alta. E para a Prefeitura seria praticamente de graça esse imóvel e poderíamos fazer uma parceria, coisa que nunca houve. Temos resistido com o apoio da iniciativa privada, dos jogueiros e da própria comunidade. Então, gostaria de pedir que essas duas coisas fossem feitas. A Secretaria poderia pedir a adjudicação desse imóvel e também que fôssemos incluídos no roteiro da Riotur, como centro de cultura, porque o Jongo é muito visitado e Madureira é um lugar maravilhoso. Fica do lado do Mercado de Madureira, do Império Serrano e da Portela. Obrigada!

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Essa é uma reivindicação que a cidade abraça com muito carinho, porque é isso, é um ponto de tração fantástico, além de ser um trabalho social belíssimo e, talvez, das coisas mais preciosas que a gente tem na nossa cultura popular. Então, realmente, essa casa abandonada, Secretário, dê um jeitinho, combine com a Jandira como vão fazer...

O SR. SECRETÁRIO ANTÔNIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO - Dyonne, adoro jongo, gosto muito, apesar de nunca ter isso lá na Serrinha, mas já vi aqui na Lapa, estou sempre ligado ao jongo e ao samba e faço questão de ser um advogado para essa sua causa. Acho justíssima. Vamos conversar. De graça nunca é, porque tem dinheiro envolvido, mas vamos lá conversar com o Prefeito, montar um projeto. Vou levar você lá no Prefeito, para levarmos a idéia. Tenho certeza de que ele vai olhar com ótimos olhos isso.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Quem não olha?! Ainda mais ela, que trabalha de sol a sol! Até aos sábados.

Passo a palavra a Leonardo Feijó, do Sindi-Rio, Sindicato de Bares e Restaurantes. Já não está. Vou devolver a palavra para o Gérard.

O SR. GÉRARD R. JEAN BOURGÉAISEAU - Eu queria fazer alguns comentários sobre a excelente apresentação do Antônio Pedro. Primeiro, cumprimento os Vereadores presentes e quero dizer que, na minha época, os Vereadores foram meus

grandes parceiros, tivemos uma interlocução ótima e pudemos fazer muita coisa junto com a Glória, que está aqui e foi minha Diretora, junto com o Américo, que está aqui, porque recebemos verbas. Esse plano ambicioso que o Antônio Pedro tem, que é altamente positivo, totalmente aprovado pela iniciativa privada, vai necessitar da compreensão dos senhores, do entendimento, para dar verbas, senão não há milagre que possa realizar tudo isso. Esse seria o primeiro ponto.

Sobre a palestra, tudo é muito bom, mas eu gostaria de ressaltar algumas coisas. Porto Maravilha: temos que agradecer justamente essa conjunção astral do Governo Federal, do Governo Estadual e do Governo Municipal estarem juntos, para conseguir finalmente realizar o Porto Maravilha, que estava parado há trinta anos. Projetos parados, sem realização, que, finalmente, agora estão saindo do papel. Então, estão de parabéns por terem conseguido algo de que a Cidade do Rio de Janeiro precisa, porque outros portos foram feitos e ficamos para trás. Então, agora já é uma realidade.

Segundo ponto: os ônibus turísticos, de transporte para turismo. O Secretário Antônio Pedro está trabalhando nisso. É importantíssimo, na parte de transporte, você ter, como se tem em Paris, Londres e Nova Iorque, ônibus turísticos que têm circuitos e que vão prestar um serviço da maior importância. Sendo o turismo gay um turismo de altíssima qualidade, que dá uma receita à cidade extraordinária, o que é superimportante.

Calendário de eventos: temos que, cada vez mais, reforçar, porque temos “n” acontecimentos na cidade. Como um exemplo, as Portas Abertas de Santa Teresa, evento que tem acontecido com sucesso nos últimos anos, mas reforçado na última hora.

Então, sei que o Secretário Antônio Pedro está querendo que venhamos a saber, com meses de antecedência, o que vai acontecer, para que a iniciativa privada possa divulgar tudo no Brasil, para o mercado de turismo interno e no exterior, para a vinda do maior número de turistas.

Sinalização turística: fundamental. Também vai precisar da compreensão da Câmara de Vereadores para dar para a CET-Rio as verbas necessárias que vão beneficiar a CET-Rio, mas diretamente ao carioca, para poder se achar nos pontos turísticos e guiar os turistas que se locomovem dentro da cidade.

Por último, o que o Prefeito e o Secretário Antônio Pedro querem fazer: renovar o Reveillon. Isso é muito bom. Vão dizer: mas o Reveillon é um espetáculo, está sempre com grande sucesso! Mas o segredo, o *marketing* é que os produtos têm que ser constantemente renovados. Então, é essa renovação que o Prefeito quer fazer com o Secretário Antônio Pedro e sua equipe. Nova Iorque faz sucesso há anos. Mas vocês podem ver que eles têm sempre novas campanhas, sempre se renovam, têm sucesso e continuidade. Gostaria de dar os parabéns.

E finalmente o apoio para ter esse Congresso, que é superimportante.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Obrigada, Gérard! É uma pessoa muito experiente, conhece bem o setor.

Queria, agora, passar de novo a palavra a Leonardo Feijó, que já voltou ao recinto. Hotéis, bares e restaurantes.

O SR. LEONARDO FEIJÓ - Boa tarde a todos! Secretário Antônio Pedro, Vereadora Aspásia Camargo, Vereador Chiquinho Brazão, demais presentes, eu sou Léo Feijó, Diretor do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes do Município do Rio, Sindi-Rio. Também sou Diretor do Polo Gastronômico de Botafogo e Presidente da Associação Brasileira das Casas de Shows de médio e pequeno porte.

Tenho aqui só duas propostas, bem objetivas, a fazer. Queria só comentar, inicialmente, que já estou há quase 10 anos nesse mercado - tenho nove estabelecimentos de pequeno e médio porte na cidade - e sei bem quais são as dificuldades que enfrentamos no dia a dia, com custos altos, folha de pagamento, impostos e, especialmente, em relação à Legislação. Acho que precisamos trabalhar no sentido de criar uma Legislação mais adequada para estimular a abertura de novos empreendimentos no segmento de gastronomia e entretenimento, especialmente entretenimento noturno. Temos uma Legislação de 30 anos que está completamente defasada e que não entende mais o que a cidade progrediu nesse período. Então, temos dificuldades grandes para concessão de alvarás, especialmente nas Zonas Norte e Sul da cidade. O Centro já tem uma Legislação um pouco mais evoluída. O que vemos hoje é um desestímulo muito grande. Então, acho que a presença do Vereador Chiquinho Brazão, que está conduzindo a discussão em relação aos microzoneamentos, é fundamental. Gostaria, então, de propor, objetivamente, Vereador, que pudéssemos estudar a criação de corredores turísticos nas Zonas Norte e Sul da cidade, com Legislação de ZT, como classificamos no Código do Município, que permitam atividades mais abrangentes para música e atividades culturais, de maneira geral. Sabemos muito bem que a cadeia produtiva da cultura e do turismo está totalmente interligada.

A outra proposta que eu queria fazer - inclusive à Secretaria Jandira Feghali, que estava aqui mais cedo, tinha proposto no início do Governo - é uma redução de ISS para as casas que trabalhassem com música ao vivo. Isso é muito importante, porque os custos das casas de shows são muito mais elevados do que os de outros empreendimentos. Você tem lá uma série de técnicos que tem que contratar, tem sonorização, iluminação, segurança, enfim, uma infinidade de exigências que você não tem estabelecimentos que trabalham somente com gastronomia, por exemplo,

e em outras áreas. As casas de shows enfrentam momentos difíceis, muitas vezes, principalmente as de médio porte, aqui na cidade e são, na verdade, um grande laboratório dos novos artistas do Brasil, da nova música brasileira. Então, precisamos estimular que se abram espaços como esses. Só o dinheiro que foi gasto lá na Cidade da Música, mais de R\$ 500 milhões, quando sabemos, por estimativas de mercado, que, com R\$ 1 milhão se abre um grande centro multimídia para uso em vários bairros... Então, poderíamos ter construído 500 centros de cultura multimídia, com palco para atividades de teatro, música, dança, galeria de artes, uma série de atividades. Perdemos essa oportunidade, mas não vamos perder de novo.

Ficam aqui as proposições. Foi um prazer revê-los. Muito obrigado pela atenção.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Muito obrigada!

O SR. SECRETÁRIO ANTÔNIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO - Vereadora, o Léo é parceiro antigo, me procura sempre, está sempre ali do lado, buscando. Vou aproveitar e complementar com um assunto em que ele não tocou, que achei que ele iria tocar, que é a questão de mesas e cadeiras. Acho que precisamos de uma Legislação que dê oportunidades. A cidade não pode ser tão restrita. Você vai para Paris e vê que maravilha que é Paris, como as praças são utilizadas, como a cidade é utilizada, respeitando o pedestre também. Acho que tem tudo para o Rio de Janeiro fazer isso também. Temos condições de gerar mais emprego, gerar mais renda, respeitar o outro dentro dos limites e também dar utilidade às nossas praças. Pegamos a maioria das praças da cidade e vemos que estão subutilizadas, com mendigos, por falta de ocupação. Colocaram os quiosques de plantas. Foi um primeiro passo para começar uma ocupação, mas que virou, no final das contas, uma grande floresta. Era tanta planta que dormia gente ali, no meio das plantas. Mas a questão deveria ser utilizar as praças públicas com quiosques onde haja oportunidades para os estabelecimentos comerciais se colocarem ali dentro, levando gente para aqueles espaços, qualificando o espaço urbano na nossa cidade.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Obrigada! O problema todo é o exagero. As coisas começam por uma razão nobre e até simpática e ao fim de pouco tempo ninguém consegue mais andar nas ruas, ninguém consegue entrar, ninguém consegue sair. Aliás, o Prefeito, coitado, às vezes ficava desesperado, porque, com todo amor que ele tem pela Lapa, havia momentos de desespero ali, porque não era possível conviver com tamanho caos. Então, não podemos aderir ao caos. Logicamente, temos que garantir também ao pedestre o direito de circular em

segurança. Pelo menos um metro e meio de calçada, que é a Lei que propus, aqui na Câmara. Nós temos que garantir que as pessoas possam circular nas ruas e também preservar as esquinas, áreas em que a visibilidade é importante, e fazer as coisas com cuidado, com contenção.

O SR. SECRETÁRIO ANTÔNIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO - Essa questão das calçadas... Como já fui comerciante, gosto de lembrar que há lugares que não têm nem calçada. Tem calçada aqui na Lapa, na Rua do lavradio, por exemplo, em que você tem uma calçada desse tamanho. Mas existem condições de botar uma mesa. Então, se fizéssemos como São Paulo, pintando uma faixa amarela para demonstrar claramente para o bar até onde ele pode ir e até onde o cidadão pode ir e saber cobrar, ele mesmo iria poder cobrar. Não vai ficar nessa discussão de um metro e meio para lá, ou dois metros para cá. Vai ter a faixa amarela pintada ali e o cidadão vai poder cobrar seu direito.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Muito bem. Temos aqui o Marco Andrade, que quer usar da palavra e já estava querendo falar na fase da discussão sobre a cultura. Mas, como nós não estamos aqui separando a cultura do turismo, vamos ouvi-lo com muita atenção.

O SR. MARCO ANDRADE - Boa tarde a todos! Sou marco Andrade, músico, produtor cultural, agitador cultural da cidade, como meu amigo Perfeito Fortuna. Sou de Brás de Pina, de pertinho do Perfeito Fortuna. Vim aqui falar sobre essa relação da cultura com o turismo. Acho que são coisas que não podem andar separadas. Acho que, em algum momento aqui, parecia que estavam falando de coisas diferentes, distantes uma da outra. Mas são coisas que devem caminhar juntas. Acredito que, em uma cidade como o Rio de Janeiro, em que a questão cultural é uma questão fundamental, é o que movimenta a cidade, o que identifica a cidade para o mundo, eu penso que o turismo deve andar de mãos dadas com a cultura.

Observando as falas, tanto da Secretária de Cultura, quanto do Secretário de Turismo, o foco, tanto das ações da cultura quanto das ações do turismo, está no Centro e na Zona Sul. Está naquele cartão postal clássico, que se vende da cidade para o mundo. Mas a cidade não é só isso, a cidade é muito mais do que isso! A cidade é feita de muito mais tipos de gente que habitam esta cidade e que precisam pertencer a esta cidade também, participar e usufruir de toda a infraestrutura que esta cidade oferece. As pessoas, como um todo, precisam usufruir.

Então, uma política, como eu penso, de turismo e cultura, tem as grandes ações que são importantes do ponto de vista econômico, macroeconômico, ações importantes de impacto, mas a cidade precisa também dos pequenos gestos, das pequenas ações periféricas, que são fundamentais para o cidadão, porque esta cidade é do cidadão. Ela não é da economia, mas das pessoas! Esta cidade é habitada por gente, foi construída por gente, portanto, as ações devem estar voltadas para essas pessoas!

Desde o começo da ECO-92, que foi um dos grandes eventos que a cidade abrigou, um marco importante na discussão do meio ambiente, nós começamos um movimento na esfera das Lonas Culturais. A comunidade brigou, brigou, batalhou, se organizou e conseguiu com que a organização do evento doasse as Lonas Culturais para a comunidade. Essas Lonas foram para as comunidades e viraram um projeto-referência para o mundo, ganharam prêmios como referência de modelo de cultura para o mundo. Talvez a primeira Lona Cultural que tenha sido implantada na cidade tenha sido o Circo Voador, que foi implantado pelo Perfeito Fortuna e que era um referencial que se tinha para que esse projeto, no Centro da Cidade, pudesse se espalhar para a periferia como um todo.

Hoje, a gente está vendo que as Lonas Culturais estão degradadas, abandonadas, interditas etc. Nós desenvolvemos um projeto, lá na Pavuna, uma região que tem o mais baixo IDH da cidade - Pavuna, Acari, Costa Barros -, uma região muito complicada e de muito pouco investimento público. Só para se ter uma ideia, nós não temos uma biblioteca, não existe lá um espaço cultural público... O investimento naquela região é zero! É uma região completamente abandonada pelo Poder Público. A gente ouviu falar muito de projetos, tanto da Secretaria de Cultura, quanto da Secretaria de Turismo, mas não incluindo essa região como uma região que pertence à cidade. Essa região pertence à cidade e, do ponto de vista do turismo, algumas ações podem ser desenvolvidas para aquela região, sim! Nós temos turismo universitário, enfim, há várias vertentes do turismo que podem ser trabalhadas e desenvolvidas para essas regiões, que podem potencializar e alavancar a economia, a vida, a cultura, ou seja, uma série de questões importantes para o desenvolvimento dessa região. A gente está aqui para colocar a importância dessa região de Pavuna, Costa Barros, Acari, como também uma região que pertence a esta cidade. A gente não abre mão disso de jeito algum! Não abrimos mão disso, porque fazemos parte desta cidade e quando se discutir a cidade se tem que discutir a gente também, porque a gente pertence a esta cidade.

Nós estamos lá com a Lona Cultural Jovelina Pérola Negra. O Prefeito esteve lá, no início do ano, e nos prometeu que em 20 dias faria um Edital para a construção da obra da Lona Cultural Jovelina Pérola Negra, na Pavuna, e até hoje não se pregou um prego! O projeto arquitetônico era do arquiteto e Subsecretário. O projeto arquitetônico é dele, é uma evolução dessas Lonas tradicionais. A ideia era que fosse mesmo um espaço cultural, um espaço que pudesse potencializar, na comunidade, todas as demandas que ela pudesse ter, do ponto de vista da cultura, do meio ambiente, da saúde, da educação e das questões que pudessem envolver a comunidade, no sentido do seu desenvolvimento. Estou colocando uma questão fundamental, que é, quando se pensar a cidade, que se pense a cidade como um todo, porque acho que se pensa só em um lado da cidade. Eu sou de Brás de Pina, o Prefeito é de Bonsucesso, está aí a companheira, que é uma grande cantora, que é da Pavuna... Eu acho que é possível desenvolver ações públicas que possam atingir e melhorar a condição de vida das pessoas.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Obrigado, Marco Andrade, representando aqui muito bem a sua região, a Pavuna. Quantas coisas lá aconteceram, de uns tempos para cá, para piorar a Pavuna...

Quero chamar agora Sérgio da Costa Velho, Coordenador do Comitê Editorial do Crea.

O SR. SÉRGIO DA COSTA VELHO - Boa tarde a todos. O meu enfoque principal é para a 3ª idade. Não há como dissociar engenharia, arquitetura, geologia e geografia da cultura e turismo. Temos agora uma campanha por acessibilidade e mobilidade. A Vereadora Aspásia Camargo enfocou bem a parte da acessibilidade, que deve ser para toda a Cidade do Rio de Janeiro. Porém, para quem é idoso - e me incluo, porque já sou sexagenário e também sou aposentado da Prefeitura do Rio de Janeiro - há dificuldade de deslocamento e de acessibilidade. A Cidade do Rio de Janeiro concentra o maior quantitativo de idosos do país. O Pinad, o mais recente estudo do IBGE, está demonstrando que, dentro em breve, os idosos serão maioria no Brasil e, principalmente, nesta cidade.

Então, eu gostaria que fossem levados com maior seriedade e com mais compromisso os projetos específicos direcionados para a 3ª idade. Não só a parte cultural como turística. E, aproveitando o gancho do jongo, que eu acho importantíssimo, que está morrendo em todo o Estado do Rio de Janeiro e agora já está em franco incentivo no Estado - incentivos que não são do Estado, mas dos municípios. Quero sugerir também a esta Câmara que pudesse propor um incentivo maior para o resgate dos ranchos. Há duas décadas que a Cidade do Rio de Janeiro não vê ranchos.

A maioria aqui viveu o glamour dos ranchos, a maioria aqui lembra ainda das marchas-rancho. Então esse resgate, eu acho, tem o seu compromisso com o Rio de Janeiro, tem que ser incentivado. Inclusive, a 3ª idade está mais identificada com o rancho. Quem é que aguenta desfilar numa Sapucaí dançando apenas samba ou frevo? O rancho está muito identificado conosco, não em termos musicais, mas em termos da parte física.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Eu agradeço muito as suas boas lembranças. Quero registrar a presença aqui de Márcia Cristina de Souza, do MUF-Cantagalo, Pavão-Pavãozinho; da Marli de Oliveira, também do MUF - Museu da Favela, e da Rita de Cássia. Esse grupo é que inventou o Museu da Favela. Isso é uma coisa fantástica! A cidade é isso. As pessoas produzem as ideias, custam, às vezes, a realizar, mas acabam realizando, e a cidade se curva para essa grandeza, para essa imaginação extraordinária que tem a população carioca. Então, eu queria homenageá-las e dizer que o MUF é um grande projeto, que precisa ter mais investimentos, mais cuidados, porque tem que ter um lugar para botar isso.

E, no caso do Pavão-Pavãozinho, foi impressionante, porque houve uma reconstituição da história do morro, dos primeiros habitantes que foram para lá, de uma maneira extremamente requintada, do ponto de vista da apresentação desse material e da sua divulgação.

Então, sem dúvida agora, com aquele elevador maravilhoso, é um canal de turismo muito bom para cidade.

Eu passo a palavra agora a Cristina Reis, da AMA de Copacabana.

Eu quero registrar a presença do Vereador Alexandre Cerruti. Obrigada.

A SRA. CRISTINA REIS - Primeiramente, boa tarde a todos. Desculpem o atraso, porque eu estive num café comunitário e depois fui ao Ministério Público.

Na verdade, o senhor vai ser convidado, vai ter a questão do termo de ajuste de conduta com relação a esse evento agora, de 2 de outubro.

Bom, na verdade, o que eu quero falar é do Bairro de Copacabana. Meu nome é Cristina Reis, da Associação de Moradores dos Postos 2, 3, 4 e 5 de Copacabana. É uma luta ferrenha, já de vários anos, com relação aos eventos musicais na orla da praia, que, na verdade, eu não considero cultura. Eu considero, sim, entretenimento econômico que beneficia grupos de pessoas, segmentos, mas não beneficia o bairro.

Então, quando acontece o evento, no término do evento simplesmente Copacabana vira um campo de batalha. E eu fico, junto com o Ministério Público, na questão do termo de ajuste de conduta para que haja policiamento, haja Guarda Municipal, que o Poder Público Municipal esteja presente, quer seja a CET-Rio, a Defesa Civil, enfim, que haja uma estrutura para que a população, de fora ou de dentro, possa ter o mínimo de segurança para assistir a esses eventos.

Vereadora, infelizmente - não sei se eu falo infelizmente, ou felizmente - teremos a Parada Gay em novembro. Hoje, esse segmento da sociedade aqueceu muito. Então, quando coloca as pessoas na rua, já está em torno de 2 milhões, mais ou menos, a gente também está tendo problemas. Na última vez em que eu estive com o senhor, falei da questão da transferência, ou para o Sambódromo, ou para a Presidente Vargas. A gente não é contra as mobilizações dos eventos populares. Nós queremos, sim, preservar o bairro, a melhor qualidade de vida. Hoje, as pessoas vão lá e falam mal do bairro de Copacabana, que está degradado, sim. Ninguém mais suporta o nível do calçamento, os moleques, a mendicância. Todo mundo vai lá pensando que o bairro de Copacabana tem dinheiro. Então, as pessoas vão lá. Essa fama internacional está se tornando extremamente prejudicial ao bairro. Então, nós, como moradores dessa comunidade, queremos que o bairro fique um pouco em paz.

Hoje, no Ministério Público, até uma assistente estava falando: “Cristina, sabe quem está vindo agora aqui? A AMA Botafogo.” Que me desculpe a Regina, se a Regina estiver aí, por estar falando o nome dela, que também está entrando junto com o Ministério Público, porque houve agora, nesses dois, três meses, uma série de eventos lá.

Então, infelizmente, não é que a gente seja contra a cultura, porque na verdade não existe a cultura. A cultura existe, sim, quando eu fui ver na *Internet* a planilha de todos os eventos e vi ali a semana toda GLBT, que vocês cederam as salas municipais para que eles façam os eventos culturais. Eu achei isso ótimo. Então, eles vão estar em cada bairro, em cada sala municipal utilizando, e é isso que a gente precisa.

O companheiro falou da questão da Lona Cultural, a utilização das praças, porque tem uma coisa que as pessoas falam: nós vivemos de fronteiras. Por mais que a gente diga: “Ah, porque Copacabana é assim!” Não, somos diferentes na cabeça do pessoal da Tijuca, como é diferente na cabeça do... Porque muda. Então, o povo de Copacabana tem um certo tipo de pensamento com relação à cultura. Acho que temos que ser chamados, como sociedade civil organizada, para colocarmos como queremos essa cultura.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Eu acho que é um assunto importantíssimo. Você sinalizou bem. Mas nós vamos ter que interromper e deixar para outra oportunidade.

Eu acho que o Secretário podia abrir uma pauta na agenda para podermos negociar bem esse problema.

A SRA. CRISTINA REIS - Desculpe eu falar muito da questão da cultura. É como o companheiro falou: cultura e turismo caminham junto, porque quando o turista vem aqui, quer saber da nossa gente, quer saber da comida, quer saber da música. Então, tudo caminha junto. Por isso eu falei muito da questão da cultura.

Desculpe e obrigada por essa oportunidade.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - A nossa cidade é um grande corredor. Agora, por exemplo, Botafogo também está sendo permanentemente acossado por uma infinidade de grandes eventos. Para tudo, ninguém sai. Teria até que botar na primeira página do jornal o que vai acontecer, porque as pessoas ficam enlouquecidas, engarrafadas nos lugares, a imundície é muito grande, ninguém vai negar isso, que a areia da praia se deteriora. Tudo é uma questão de grau. O problema da capacidade de carga é questão de grau, não é questão em si de proibição, necessariamente.

Se o Rio quer ser uma cidade de turismo e de eventos, tem que ter espaços nobres de vários tamanhos, inclusive de tamanhos maiores, para poder abrigar as pessoas. Não é possível que a cidade só tenha a alternativa de ir para a praia. Não é assim, em nenhum lugar do mundo é assim. Então, eu acho que nós temos que colocar essa questão em pauta.

O SR. SECRETÁRIO ANTÔNIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO - Vereadora, eu já estive com a Cristina em outras ocasiões e nós temos clareza dessa questão do uso da praia.

Eu queria cumprimentar o Vereador Alexandre Cerruti, pois ainda não tive a oportunidade.

Nós temos clareza sobre essa questão da praia. Tivemos uma conversa e eu acho foi boa. Ela tem visto, da parte da Secretaria de Turismo... No passado, qualquer data comemorativa da cidade tinha um show na Praia de Copacabana. Essa não é a realidade desse Governo. Eu falei para ela na época que a praia será, sim, utilizada, toda vez que a gente achar que tem um evento que merece ser da praia, merece ser um evento de porte internacional, que não é aquela festinha de Cosme e Damião. Eu adoro Cosme e Damião, mas não preciso usar a praia para qualquer evento, Dia do Trabalho, dia disso, dia daquilo. A praia tem que ser utilizada adequadamente.

A gente vê o evento das Olimpíadas como um evento desse tamanho. Então, por isso vamos utilizar a praia, para um evento desse tamanho.

A gente vê o evento do snowboard, que aconteceu recentemente em Botafogo, como um evento de mídia internacional, pois há uma divulgação internacional da cidade.

Então, a nossa visão é também nesse sentido. Precisamos saber o seguinte: a pessoa que mora na Times Square, em Nova York, ou que mora na Champs-Élysées, em Paris, sabe que são lugares que tem essa condição, de serem lugares internacionais, de visibilidade mundial. Então, a pessoa que está na Champs-Élysées sabe que ali acontecem grandes eventos, grandes manifestações. Grandes acontecimentos da Cidade de Paris acontecem ali. Na Times Square, em Nova York, a mesma coisa. No Rio de Janeiro, em Copacabana, não tem como ser diferente.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Mas olha que a diferença é grande. A diferença é enorme!

O SR. SECRETÁRIO ANTÔNIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO - Eu acho que a diferença é grande, porque Copacabana é muito melhor do que esses lugares todos. Mas a gente tem feito um esforço para dar condições aqui, com a Polícia Militar, com a Comlurb, com a Guarda Municipal e com todos os órgãos públicos, para estar no dia seguinte entregando a praia da melhor forma possível para todos os cariocas. Então, a gente tem essa preocupação, de não utilizar a praia para qualquer pequeno evento, mas sim para um grande evento de mídia internacional, de volume internacional. O caso das Olimpíadas é um evento desses, que tem uma repercussão grande. A gente precisava colocar o povo carioca num ícone da cidade, como eles farão nas outras cidades candidatas. Madri já está se organizando e estará fazendo o mesmo lá; Chicago está se organizando e também vai ter evento lá. Então, imagina onde a gente vai fazer um link direto Rio de Janeiro/Copenhague... Imagina se eu ia fazer em algum lugar pequeno... Tinha que ser no nosso ícone maior - e Copacabana é o nosso ícone maior. A gente sabe dos problemas que a população enfrenta quando tem esse tipo de evento, e estamos montando toda a infraestrutura necessária para atender a um evento desse porte. Estamos minimizando os outros pequenos eventos, não estamos colocando na Praia de Copacabana.

Você sabe que a Secretaria de Turismo está sempre aberta para escutar o cidadão, seja de Copacabana, seja de outro bairro carioca.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) - Temos ainda a guia de turismo Damiana Florêncio Silva, não sei se ainda quer usar da palavra. Vou pedir a você que seja telegráfica, pois nós vamos ser expulsos da sala, porque a Sessão da tarde vai começar e estão todos exaustos.

A SRA. DAMIANA FLORÊNCIO SILVA – Boa tarde. Meu nome é Damiana, eu sou guia de turismo receptiva, dos idiomas espanhol e inglês. Recebo muitos turistas, atualmente nem tantos quanto eu gostaria.

Eu tenho algumas colocações referentes ao Centro da Cidade. Vejo muitos projetos, “vamos fazer a Lapa, vamos fazer isso no Porto, etc.” Mas tem uma parte já construída do Centro da Cidade, o Saara, que é importantíssima, é bonita, e a gente tem vergonha de passar com o turista. Quando eu saio da Presidente Vargas, passando perto da Rua da Constituição para chegar à Praça Tiradentes, é uma vergonha o estado em que aqueles prédios estão. E eles cobram!

Como podem autoridades deixar isso acontecer com um patrimônio público tão bonito e que só precisa conservar? Não precisa fazer, é mais fácil do que levantar, e não se conserva. Os espanhóis tem uma lei que obriga a conservar as fachadas e a cada quantos anos você tem que cumprir.

Então, as fachadas estão negras de lodo, e é muito vergonhoso para nós, que estamos apresentando a cidade. Eu gostaria de saber se existe algum projeto nesse sentido, de restauração dessa área, principalmente do Saara.

Em segundo lugar, queria saber sobre a infraestrutura do Sambódromo, porque eu trabalho sempre no Carnaval e a gente vê que o desfile é lindo, maravilhoso, mas não se tem a preocupação de fidelização do turista, principalmente o de meia idade e da terceira idade. Você vê as escadas mal conservadas, não há acesso para os idosos e deficientes, as escadas estão com lodo, não há preocupação com pintura, as arquibancadas têm um preço absurdo, os pés da pessoa de trás batendo nas suas costas, o seu assento... Não há o mínimo de conforto! O jovem vem procurar bagunça, mulher em Copacabana, e vai voltar, mas esse turista, que tem dinheiro, que é de meia idade, que vai gastar, que vai investir em nossa economia, não está sendo fidelizado e está se sentindo usado. Eu já cheguei com um turista de cadeira de rodas e não pôde subir. Você vai subir aqueles andares todos? Acho que deveria ter um programa desses, tipo fizeram com o Maracanã: botar arquibancada, botar cadeirinha, ficar uma coisa mais bonita e organizada.

Em terceiro lugar, um planejamento conjunto no Corcovado, principalmente quando chegam navios. A gente guia com muita dificuldade, porque chegam três, quatro navios juntos. Aquele sinal de trânsito é perigoso, não há um policial para ajudar a gente a atravessar. A gente fica igual a um doido, para lá e para cá. Se acontecer alguma coisa na travessia é culpa nossa, porque eles estão sob nossa responsabilidade. Então, eu gostaria que alguma coisa nesse sentido fosse feita.

Com respeito à Cidade do Samba, que é um lugar original, muito bem bolado, os turistas gostam muito, mas está sendo su-

utilizado. A gente fica perdida, porque não sabe quando tem, quando não tem, e ficamos escravos da única casa de show, que é a Plataforma, de que a gente gosta, mas é um lugar que está gasto, saturado. Sinceramente, tenho vergonha de vender. Eu ganho comissão e se vender muito eu ganho, mas eu não faço questão de vender, porque se tem muito turista na cidade, o show é completo; se não tem tanto turista, o show diminui para 40 minutos, 1 hora. O turista vai gastar e depois vai reclamar, além do palco, que está velho, mal conservado.

Teriam muitas outras coisas, mas como o tempo é pouco, muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Parabéns. Eu acho que o guia turístico é um grande indicador das dificuldades.

Ela mencionou os problemas estruturais que a cidade vive e que ela sofre todos os dias.

Eu queria passar a palavra telegraficamente a Celinéia Ferreira, da Associação dos Moradores da Urca. Agora, Celinéia, nós estamos nos limites finais.

A SRA. CELINÉIA FERREIRA – Serei brevíssima.

Bom dia, Secretário Antônio Pedro, Vereadora Aspásia Camargo, demais componentes da Mesa.

Secretário, peço um pequeno olhar para a Praia Vermelha, já que nós estamos falando de turismo. Na Praia Vermelha, o turista vê o caos.

Existe um projeto do Instituto Pereira Passos, que eu tenho, se for do seu interesse posso lhe passar, que é o ordenamento da Praia Vermelha. Os turistas descem dos ônibus e vans no meio dos carros fazendo manobra e são achacados por vendedores ambulantes e por flanelinhas. Esse projeto do Instituto Pereira Passos prevê uma grande calçada para os turistas andarem com segurança, o ordenamento do estacionamento. Então, eu lhe peço isso.

E mais: a pista Cláudio Coutinho está ali, na lista, e nem tem mais vigilância. Até com cachorro estão entrando lá. Ali também é lugar de turismo e o Exército tomava conta. Agora, não tem mais dono.

Então, eu venho lhe pedir isto: carinho com a Praia Vermelha e com a pista Cláudio Coutinho.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Edna Barbosa, da Fatec-Senac Rio.

A SRA. EDNA BARBOSA – Obrigada, Vereadora, pela oportunidade.

Eu falo aqui não só em meu nome, como gestora de turismo formanda este ano, como também pelos meus colegas de faculdade.

Queria pedir ao Secretário a oportunidade de o Poder Público abrir os braços para os profissionais que estão se formando e que estão muito interessados em contribuir positivamente para o desenvolvimento do turismo. Não só do turismo em si, mas do desenvolvimento da nossa Cidade, do nosso País.

Nós gostaríamos de propor ao Secretário uma espécie de germinadora de pequenos projetos turísticos na Secretaria, para que pudéssemos contribuir efetivamente com pequenas ideias, que contribuam como desenvolvimento do turismo. Temos alguns exemplos para apresentar, e gostaríamos de ter essa oportunidade, porque quando a gente está se formando o mercado de trabalho não é muito grande, mas temos boas ideias, que contribuem de forma sustentável para o desenvolvimento do turismo.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Muito obrigada, Edna. Nós estamos aqui à sua disposição para receber sugestões e para eventuais debates com turmas que estão se formando e especializando nesse assunto, que é tão importante para a Cidade.

Então, parabéns e estejam sempre aqui conosco.

Eu vou passar a palavra ao Vereador Alexandre Cerruti.

O SR. VEREADOR ALEXANDRE CERRUTI – Boa tarde a todos. Antônio Pedro, eu queria saber sobre dois... espaços que foram lindos e que hoje estão degradados. Um é o antigo Museu do Índio, aquele prédio belíssimo ali do lado do Maracanã. A gente sabe que é do Governo Federal, mas já que existe uma parceria entre o Prefeito e o Presidente, eu penso que aquele prédio deveria ser municipalizado e ali deveria ser feita alguma coisa. Eu queria, então saber se existe algum projeto. O outro é o Largo do Boticário, no Cosme Velho, também uma área histórica belíssima, tombada e que, segundo informações há alguns prédios ali que estão, inclusive, sendo invadidos.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Secretário, então eu passo a palavra a V. Exa. para responder às questões.

O SR. ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Sobre essa questão do Museu do Índio, eu não tenho conhecimento. A gente pode começar a trabalhar isso. Essa questão mais histórica dos bairros está dentro da pasta da Cultura. Então, vou levar os dois assuntos, tanto o Largo do Boticário que eu também acho uma pena aquele lugar, eu frequentei muito quando criança, assim como o Museu de Arte Naif que poderia ser uma

coisa muito mais espetacular. A nossa guia de turismo lembrou bem da passagem de quando param o ônibus de turismo ali em frente à estação do Corcovado, também é calamitosa. Esse assunto a gente já está levando em frente, estamos com um projeto, estudando juntos, para os trens do Corcovado, uma maneira de solucionar aquilo ali, em contato com a Rio Ônibus, também, para usar aquele pátio ali de cima que a Rio Ônibus é detentora da área. E o Largo do Boticário. Vamos marcar com a Secretária Jandira Feghali uma reunião para tratar do Largo do Boticário. Levar a frente essa ideia de municipalizar o Museu do Índio, sem dúvida nenhuma... Eu não conheço o Museu do Índio, mas o Largo do Boticário eu conheço bem, sei o que aconteceu ali. Realmente é uma perda sem tamanho, há várias casas ali sendo invadidas. Há uma pessoa ali que cuida daquilo tudo, sozinho.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Eu queria agradecer a presença de Marlene Parente. Você quer falar? Está aqui a Fátima?

A SRA. MARLENE PARENTE – Sou da Associação de Moradores de São Conrado, sou responsável pelo meio ambiente há 28 anos. Ao Secretário, eu estou esperando, nós temos o Mirante da Canoa que é uma parte histórica que está precisando de uma poda de árvores. Os turistas ficam pendurados na Ponte Bertha Schneiderman. Outra coisa que está ficando grave, cada dia mais, os praticantes de vôo livre. Eles precisam ter ordem, precisam ser registrados, na ATA, na Beta, e isso não está acontecendo e está uma loucura. Eles voam em cima e em baixo na estrada e isso precisa ser organizado. Nós temos que conversar.

Outra coisa, o Hotel Nacional, o leilão dia 30. Então, vai ser muito bom porque São Conrado tem três prédios antigos, um é o Hotel Nacional, o outro é o prédio do Rocinha Inn, que a Prefeitura pegou, foi ótimo, e nós temos o Gávea Tourist que é lá em cima, na Estrada das Canoas.

Era esse o meu recado a Antonio Pedro, o meu parceiro de muitos anos.

Muito obrigado.

A SRA. FÁTIMA – Meu nome é Fátima e trabalho com massoterapia na orla, há 9 anos. Eu gostaria que o nosso serviço seja respeitado, o espaço. A gente tem sensibilidade, mas eu estudei bastante para exercer essa função e receber os turistas do mundo inteiro que gostam e apreciam a nossa Cidade com tudo o que tem e ficam deslumbrados com o serviço, com a qualidade. Quer dizer, numa cidade que se diz violenta, mas em algum momento pode-se descansar e se reconectar com eles, apreciar e melhorar cada vez mais a visita ao nosso País. Eles levam com eles esse momento.

Tenho muito mais coisa para falar, mas como foi rápido, eu só gostaria que o nosso serviço, nós profissionais sejamos respeitados, valorizados e incluídos porque somos auto-sustentáveis, inclusive nós ajudamos na economia também.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Dario de Oliveira ainda está aí. Por favor, muito rapidinho.

O SR. DARIO DE OLIVEIRA – Eu sou turismólogo, sou também guia de turismo e coordeno as visitas guiadas aqui da Biblioteca Nacional. O Plano Diretor inclui segurança, limpeza, acessibilidade e informações turísticas. Pensamos que há necessidade de sinalização, como informação turística também. Para os senhores terem uma ideia, nós só temos a indicação da Cinelândia na Rua Senador Dantas. Um lugar como a Cinelândia, com o Theatro Municipal, Biblioteca Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, eu penso que deveria ser o sonho de consumo do Brasil e até do exterior e deveríamos ter placas de sinalização bem longe da Cinelândia e só na Cinelândia é que nós temos uma placa sobre a mesma.

Outra coisa é a articulação entre as instituições culturais existentes. Não há essa articulação! Você chega numa instituição cultural, pergunta sobre uma outra e as pessoas não sabem informar. Eu penso que a gente vai agregar qualidade quando a gente integrar também essas instituições.

O perfil do visitante. Eu fiz mapeamento de 40 instituições culturais, em torno da Cinelândia. Nenhuma instituição tem o perfil do seu visitante! A Biblioteca Nacional tem. Eu penso que a gente deveria fazer o perfil do visitante, do turista e, em cima disso, a gente trabalhar as necessidades, consertar alguns erros e também poder melhorar inclusive o que já é bom.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Eu quero dizer a vocês que esta Audiência Pública foi um sucesso. Foi um sucesso! É um banho de experiência, um banho de vida, de sugestões, de coisas interessantíssimas; Eu tenho certeza que o Secretário está encantado e eu estou encantada. Faltou o Heitor. *Last but not least!* O nosso Heitor vai falar o que nós podemos falar pelo turismo.

O SR. HEITOR FERREIRA DE SOUZA – Sou arquiteto, jornalista, aposentado, tanto eu tinha um escritório em São Paulo quanto em Brasília, fui também Diretor do Iplanrio. Vim aqui mais para ter uma participação técnica. Eu percebi uma porção de coisas em que a gente poderia inclusive ter ajudado nesse

processo. Acontece que na área de turismo, eu tive até já a oportunidade de fazer plano de turismo, no Governo da Rosinha e tenho a vivência porque há 48 anos que eu durmo na mesma cama que a Vera Lúcia, de Turismo, portanto eu aprendi turismo por osmose. Algumas coisas são flagrantes aqui no Rio de Janeiro. Sinalização, principalmente, isso já foi citado aqui, é dramática. Vou dar um exemplo, eu fui fazer outro dia, um exame no Detran, na Barra e me disseram que o Detran era na Alvorada, Ao longo da Avenida das Américas está cheio de indicações – *shopping* disso, *shopping* daquilo, e não tem uma indicação da Central Rodoviária da Alvorada. Não tem uma e daí para frente! Este é um exemplo típico dessa anormalidade.

Outro aspecto que vale a pena ser considerado, e que já foi também explorado aqui, é o famoso turismo de negócios. Inclusive eu brinco muitas vezes que o Brasil foi descoberto numa viagem turística de negócios. Cabral ia para a Índia, fazer negócios na Índia e parou por aqui. Portanto, o turismo de negócios é o próprio nascedouro do País. Eu estou brincando um pouco com isso, mas eu quero dizer que a apresentação que foi feita pelo Secretário dizia: Plano Diretor do Turismo, a expressão, a meu ver, mais correta seria euforismo no Plano Diretor. Estamos tratando aqui do Plano Diretor que tem um texto de lei, que tem no caso aqui proposto, que tem três artigos e ele diria que na Lei Orgânica do Município, que é a mais geral, tem cinco artigos sobre turismo. A mesma coisa aconteceu com a saúde a pouco. Tem dois artigos. Tem 14 artigos na Lei Orgânica. A Lei Orgânica determinava, bem claramente, que o Plano Diretor é um instrumento de implantação, de alocação física no espaço das atividades de desenvolvimento do município, econômica e social, etc.

A quinta premissa inclusive é a elaboração do Plano Municipal do Desenvolvimento, a política do desenvolvimento. Que essa sim engloba aspectos de turismo, economia etc., etc. Nosso objeto único de que esse Plano Diretor não está sendo tratado aqui corretamente. Não é loucura do Secretário não.

Já nasceu errado, Secretário, em 1992. Já nasceu errado e se arrasta por esse tempo todo. Mais tempo ainda. Se tentar corrigir isso. Ou seja, tirar o que falei do Plano Diretor, todos os aspectos que não dizem respeito ao espaço físico, por exemplo, no caso do turismo, foi citado aqui os corredores turísticos que não existem. Espacialmente. O problema das funções a serem exercidas no espaço das praias que é enorme no Rio de Janeiro. É um espaço importantíssimo e que não tem objeto de preocupação aqui, do ponto de vista físico.

Eu, inclusive, tenho um texto que já fiz sobre isso. Vou entregar, evidentemente.

E estou a disposição para colaborar naquilo que é possível.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Muito obrigada.

Senhores, fica aqui uma lição para todos nós, para o Secretário, para mim, que é o turismo sustentável. O turismo é uma atividade que tem que ser devidamente regulada. Viu Secretário? Turismo sustentável. Vossa Excelência, que foi Presidente do parque, tem que ser. O turismo tem que ser bem dosado. Porque se a carga for exagerada, a alegria vira tristeza, que é mais ou menos o que vimos em vários bairros da cidade. A cidade é um grande corredor de passagem, onde cada vez mais se misturam atividades comerciais e de moradia. O direito a moradia, o direito ao sossego, também é um direito fundamental. Temos que discutir essas coisas, negociar, examinar, com muito carinho, para que o destino turístico do Rio de Janeiro não seja prejudicado pela hostilidade dos habitantes. Porque o turista que chega tem que ser bem recebido. Ele não pode ser recebido com hostilidade.

Esse turismo sustentável é realmente uma lição, um exercício permanente. Capacidade de carga é uma palavra que ganha cada vez mais uma dimensão concreta de realidade. E tudo o que ouvimos aqui hoje foram alertas, foram demonstrações que essa cidade realmente tem essa vocação do turismo e da cultura. E não estamos satisfeitos com a maneira como essas duas vocações são tratadas, por falta de recurso ou por lá o quê. Mas, sobretudo, porque parece que as autoridades, e isso não é culpa de autoridade alguma, nem de hoje porque é sempre, não é? As autoridades acham que essas coisas brotam sozinhas, que elas acontecem sem esforço. E não é verdade. Estamos perdendo terreno nas duas áreas.

Deus queira que sexta-feira tenhamos uma boa notícia e aí vamos, robustamente, organizarmos para preparar esta Cidade para um grande encontro com seu destino: o destino da cultura e o destino do turismo.

Passo a palavra, para encerrar, ao Secretário.

O SR. ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Vereadora, obrigado pela oportunidade de estar aqui.

Realmente, esse aqui é o melhor momento, quando se consegue conversar com as pessoas. Está de parabéns o trabalho do Plano Diretor. Está levando a frente todas essas necessidades. Sem dúvida V. Exa. tem toda razão quando diz que as situações ruins desta Cidade não brotam sozinhas. O Rio de Janeiro viveu, durante muitos anos, achando que as coisas brotam, e não brotam.

Salvador fez um trabalho. Gérard, na época, dele, fez esse trabalho. É fundamental que esse trabalho seja desenvolvido a cada dia.

O Rio de Janeiro, costumo comparar com um modelo internacional, com uma mulher bonita. Ela já é uma mulher bonita, mas que ela precisa ir para fora e se vender, se mostrar, se qualificar, botar sua maquiagem, para dizer a que veio. Temos aqui a Gisele Bündchen de primeira grandeza. Precisamos trabalhar com afinco e saber vendê-la ao mundo inteiro.

Quero aproveitar a oportunidade e terminar essa apresentação aqui com um vídeo. O vídeo deve estar quase no *play*. Basta pormos o vídeo e agradecer a todos os presentes.

Obrigado.

Geralmente acabamos aqui com o Hino da “Cidade do Rio de Janeiro” e hoje não pode ser diferente.

Um minuto para acabarmos com esse vídeo, por favor.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Enquanto isso, quero apenas dizer aos senhores presentes que procurem o www.camara.rj.gov.br e o *link* no *site* do Plano Diretor. Lá irão encontrar todos os documentos, inclusive esses que vamos discutindo, aos poucos.

Muito obrigada e passamos agora ao filme para encerrar.

Enquanto o filme não começa, agradeço a Zuleika de Santana Souza, da Associação de Donas de Casa de Honório Gurgel.

Muito obrigada por sua presença. Recebemos inclusive uma carta e vamos responder.

Queremos agradecer também a Oséias Lopes Farias, que deu uma contribuição, fora do microfone, importante e ficou até o fim conosco.

Muito obrigada. Estou devendo-lhe, da próxima vez, o primeiro a falar será você.

Obrigada.

(PALMAS)

O SR. ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Parece que estamos com um problema de ordem técnica. Não vai ser possível ouvirmos o som. E o vídeo sem som não tem graça. Mas depois.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Se pudermos emprestar o vídeo, iremos colocá-lo em nosso *site*.

O SR. ANTONIO PEDRO VIEGAS FIGUEIRA DE MELO – Está no nosso *site* www.rioguiaoficial.com.br

Obrigado e boa tarde.

A SRA. PRESIDENTE (ASPÁSIA CAMARGO) – Obrigada a todos.

Está encerrado o Debate.

(Encerra-se o Debate Público às 13h55)